O MALHO
18 --- Março --- 1937
ANNO XXXVI-N. 198
Preço 1$200
BIBLIOTHECA NACIONAL DO RIO DE JANEIRO CONT. LEGAL 2. SECÇÃO
Nicl

O MALHO

Propriedade da S. A. O MALHO

Director: Antonio A. de Souza e Silva

Assignaturas: { Annual . . . . . . 60$000
Semestral . . . . . 30$000

Redacção e administração
Travessa do Ouvidor, 34

Teleph. { 23-4422
22-8073 CAIXA POSTAL 880

RIO DE JANEIRO

ORIGINAES E PHOTOGRAPHIAS

Os originaes literarios ou photographicos, enviados a O MALHO, mesmo não publicados não serão, em absoluto, devolvidos.

O PROXIMO NUMERO D'O MALHO

Entre outros assumptos da proxima edição, destacamos:

UM SUJEITO PERIGOSO

Conto de Raymond de Vasconcellos Illustração de Cortez.

A ARTE INSONDAVEL

Chronica de De Mattos Pinto

CURIOSIDADES DA PSYCHANÁLYSE

Chronica de Gastão Pereira da Silva—Illustração de Fragusto.

CIGARROS E CHARUTOS

Pensamentos de B rilo Neves — Bonecos de Théo

REGENERAÇÃO

Conto de Natal Chiarelo Illustração de Leopoldo.

ATRIBULAÇÕES DE UM HOMEM DO SECULO

Chronica de Eduardo Tourinho — Illustração de Fragusto.

SONETOS

De Austro Costa, Luiz Oliveira, Leopoldo Braga, Iacururaide e Othon Costa — Decoração de Aloysio.

HUMORISMO ALHEIO

CASTIGO

— Estás muito teimoso hoje! Fica quietinho senão, por castigo, não irás ver o tio Fujika fazer o kara-kiri!

— Olha, queridinho! Vê que lindo chapéo comprei com o dinheiro do teu seguro contra accidentes...

— Como o auxiliar se despediu do chefe, no dia em que tirou a sorte-grande.

— Sem o kepi ? !
— Natural, seu tenente ! Combinei assim com a minha noiva, para que ella me reconheça na parada...

UMA "PARTIDA" DO TEMPO — E dizer que nós partimos para-as aguas !...

POR muitos séculos, foi a mulher considerada como mera propriedade do homem reduzida, mesmo perante as legislações, á situação de objecto sem vontade propria, sem direito e quasi sem prazeres.

Com a evolução da humanidade, felizmente, dominou a razão, e o nivel social feminino foi subindo gradativamente, hombreando emfim, com o do homem.

A Natureza, porém, severa em seus designios, não quiz tirar de sobre a mulher essoutra escravidão das suas funcções peculiares.

Pode dizer-se que nenhuma mulher é perfeitamente normal, do ponto de vista dos seus incommodos mensaes.

O ovario, glandula delicadissima que os rege, quasi sempre se mostra deficiente, e dahi atrasos, irregularidades, dôres crueis, tonturas, malestar, nervosismo, que só podem ser curados por um medicamento que contenha realmente o hormonio do ovario: foliculina.

E' o caso do OVARIUTERAN, dos Laboratorios Raul Leite, unico regulador de formula baseada nos estudos scientificos, e que por isto mesmo os medicos receitam frequentemente.

DO CARNAVAL QUE PASSOU

A galante Wilma, que foi uma das mais bonitas "bahianinhas" do ultimo Carnaval. E' filha do conhecido industrial Americo Breia e de sua digna esposa d. Ignez Breia.

Carlos Alberto, filhinho do casal Homero de Oliveira, n'um authentico hollandez, no ultimo Carnaval.

Broadcasting em Revista

IMPOSTO SOBRE RADIOS

O prefeito de Itaquera, cidade do interior do Rio Grande do Sul, creou um imposto sobre os receptores existentes no seu municipio.

Não conhecemos detalhes do seu acto, que apenas circulou atravéz do noticiario telegraphico.

Mas, desde já, apoiando em principio a sua iniciativa, aqui estamos para bater palmas ao chefe do executivo da communa citada.

Na Inglaterra a B. B. C. (British Broadcasting Corporation) é subvencionada pelo Governo com o producto de uma taxa arrecadada por "cabeça", isto é, por apparelho receptor.

No Brasil, o governo só intervém para controlar e obstar as iniciativas particulares, nem ao menos zelando pelas leis que dita no que se refere ao direito auctoral e a varios outros aspectos considerados de somenos.

E' o prefeito de Itaquera o primeiro a instituir um tributo semelhante.

Podem dizer que o acto é illegal, que não era de sua alçada legislar sobre o assumpto, mas não se póde dizer que não seja justo moderno e opportuno.

E' pena que o telegrapho não lhe tenha dado o nome para figurar nesta nota de louvor ao milagre, mas que deixa escondido o santo...

O. S.

DE ONDA EM ONDA

— Por que será que as musicas que Sylvio Caldas canta e compõe são sempre as mesmas ? Por acaso os versos, feitos sob medida, obrigam o compositor a usar phrases melodicas identicas ? Ou será que o compositor Sylvio Caldas é um optimo ...cantor ?

— Deve ser russa, hungara ou qualquer cousa parecida. Seja como fôr, para imitar Martha Eggerth não é preciso derramar tanto a voz, exaggerando soluços e inflexões. Basta ter o timbre semelhante e cantar o seu repertorio...

— Professor Bacuráo. Lá estava elle, outro dia, na "Cruzeiro". O garoto do visinho escutava as suas anecdotas e eu entrei "no bonde", de pingente. Pois não é que no outro dia fui escutar de novo o professor Bacuráo ?

— Canta bem. A pronuncia é optima. Só lhe falta um pouco de vivacidade. Jack Fay precisa sentir mais o espirito das musicas americanas.

— Quem vem lá ? A phrase é do sr. Baptista Luzardo. Quem vem lá, porém, do microphone da "Guanabara", para o meu radio, é a voz do cantor Moreira da Silva... Será disco ? Será elle ? De um geito ou de outro, deixe-me torcer esta rodelinha que apaga a luz do receptor e nos dá um banho delicioso de silencio...

Ranhêta

DESFILE DE "ASTROS"

NÁSSARA

Seu nome é tão singular
Que muitos... dizem Nassára.
Passa o dia a "rabiscar"
Tudo... tudo quanto é cara...

E' mestre no desenhar
— Já nasceu com essa "tara".
Quando começa a traçar
— Quem foi que disse que pára ?!...

E' um "bicho", pinta o caneco !
— Faz "careta" e faz "boneco"
P'ra uma porção de revistas...

Si o "lapis" está de folga,
O nosso amigo se empolga
E entra... p'r'o rol dos sambistas !...

OLAVO

VOLTOU A' "MAYRINCK"

A nova "Mayrinck Veiga", conforme o Ladeira está chamando a sua estação, contractou Silvinha Mello para o seu "cast" de exclusivos. O "come back" de Silvinha se verificará conjunctamente com a inauguração dos 22 kilowatts do novo estagio. A "Mayrinck" fará, assim, com que o Brasil escute, nos seus mais longinquos recantos, uma artista nitidamente brasileira.

"VOZ TRAÇO DE UNIÃO"

O fado, que em Portugal as elites "snobs" começam a combater, conforme asseverou, ha dias, o escriptor Julio Dantas, é uma das musicas mais tocadas no radio carioca, desejoso de contentar a colonia portugueza. Temos, mesmo, varios programmas exclusivamente lusitanos, revivendo a alma bohemia da Mouraria e matando saudades do "jardim á beiramar". Desses programmas, destaca-se a "Voz Traço de União", de Manoel Caramés, na "Radio Educadora", no qual actúa com grande brilho a sra. Candida Leal, fadista de renome neste e no outro lado do Atlantico. E' uma interprete que attráe um publico numeroso e entendido no assumpto.

NOTAS FÓRA DA CLAVE

— A "Radio Nacional" surgiu com o "cast" mais numeroso de que ha memoria. Resultado: está dispensando em massa os artistas e até os musicos das suas orchestras. Seria melhor que a "Nacional" tivesse feito menos barulho no inicio e fosse melhorando os seus programmas devagar. Quem corre muito, cansa...

— Outra estação que se encontra em situação difficil é a "Radio Jornal do Brasil". Os prejuizos são tão grandes quanto a teimosia da sua orientação, guerreando os auctores nacionaes. A P. R. F. — 4 está n'um dilemma : — ou abdica dos seus propositos de "cultura" e "educação" com rumbas e foxes, ou fica reduzida a irradiar discos extrangeiros. Ha dias, foram disponsados cantores de vozes muito bonitas e educadas, mas que não trazem annuncios, nem ouvintes. As orchestras foram mutiladas e os ordenados tambem.

RADIOLETES

— O sr. Geraldo Rocha, director do vespertino "A Nota", vae para a "Transmissora" segundo consta. Está claro que não vae cantar... Vae ser presidente da sociedade ou coisa parecida.

RADIO NA ARGENTINA

Um astro do broadcasting portenho : — Fernando Diaz, creador de successos memoraveis e interprete personalissimo. Faz parte, actualmente, do elenco de azes da "Radio Belgrano".

— Ressureição ! O "Syndicato dos Artistas de Radio",
— Ressurreição ! O "Syndimais se lembrava marcou reunião para eleição de directoria! E' capaz de ter virado centro espirita...

— Cousa impossivel do radio carioca : — ouvir o tenor Gambardella na ária "O teu cabello não néga"...

ORCHESTRA COLUMBIA

Este moço de bigodinho é pianista. Chama-se Elygio de Azevedo e toca na Orchestra Columbia do Rio de Janeiro. E' um executante moderno e dynamico, que dá brilho aos conjunctos em que figura.

CONTRASTE

Ha cousas, no radio carioca, que ninguem entende.

A "Nacional" não aguentando a carga de exclusivos, joga-os na rua.

A "Jornal do Brasil", que Deus conserve com os seus pontos de vista para fechar mais depressa, dispensa os seus lyricos e os seus maestros.

A "Tupy", apesar dos contractos de 5 contos mensaes com a Carmen Miranda, atraza os pagamentos de salarios.

Emquanto isto, a "Mayrinck Veiga" offerece contracto a mais de 30 artistas, reforçando o seu "cast" que já era o mais numeroso.

Onde estará a verdade ?

Ha crise ou não ha no radio da cidade, assoberbada de estações ?

Respondam os iniciados nos segredos de bastidores...

DEPOIS DE...

"Cortina de Velludo", "Italiana" e "Lig-Lig-Lig-Lé" a dupla Oswaldo Santiago-Paulo Barbosa escreveu a valsa

"TAPETE PERSA"

que Moacyr Bueno Rocha lançará na nova P. R. A. — 9 e gravará em discos "Victor".

CARLOS FERREIRA (Rio) — Seu artiguete só poderia passar como exercicio de redacção de aprendiz de portuguez. Não é coisa que se publique numa revista literaria.

JOÃO MALHADO (S. Paulo) — A extensão do seu trabalho mata uma bôa parte do humorismo. O assumpto foi esticado além do normal.

CECILIA MARGARIDA (Nictheroy) — Não ha de que. Já está contando tempo.

JURANDYR (Rio) — Sua mudança de estylo deu os melhores resultados. O genero tambem é o que lhe convem. Com um pouquinho de treino e mais um pouquinho de esforço para botar emoção mesmo nos factos banaes, V. conseguirá vencer. Para "O Malho", é bom fugir dos pormenores picantes.

A. CALANGO (Rio) — Que é que V. chama côr local ? Metter no texto uns nomes de paus e de bichos do sertão ? O estylo é uma tentativa muito ordinaria de imitação do de José de Alencar. E a historia carece de imaginação.

CID (Rio) — Não, eu é que tenho a agradecer-lhe a tolerancia. Não sei quando sairão, mas prometto-lhe uma pequena ajuda no sentido de facilitar-lhes a publicação.

BLUE BELL (Rio) — O enredo do seu conto é bem arranjadozinho. O estylo, porém, assemelha-se, immensamente, ao das historietas illustradas d'*O Tico-Tico*. Só lhe faltou o classico final : — "E dahi por diante, Lili procurou emendar-se, passando a usar muito menos pomada e a dar mais attenção ao marido". Quanto á minha identidade, devo dizer-lhe, com toda a amabilidade possivel, que a senhora tomou o bonde errado, para tortura do meu companheiro Galvão de Queiroz, que parece ter sido escolhido para victima de equivocos lamentaveis : hoje mesmo o confundiram com José do Egypto... Não posso aproveitar o seu trabalho, D. Blue-Bell, mas creio que, com um pouco mais de desembaraço de estylo, (e, naturalmente, uma pequena estação de agua grammatical) sua imaginação póde brindar-nos com algumas curtas narrativas bem interessantes.

A. N. B. B. (Nictheroy) — "Dilemma" tem um enredo muito surrado e a senhora, não soube ajuntar-lhe, para salval-o, nem um pouco de graça, nem sufficiente profundeza psychologica. Em "Divagando", seu pensamento divaga demasiadamente, perdendo-se em cogitações de muito pouco interesse para os leitores. Entretanto, não ha razão para desanimar. Ninguem principia, escrevendo obras-primas.

JONAS ADVERSE (Itajubá) — Seu soneto "Garota Bronzeada" saiu um bocado inconveniente. Quanto á poesia, "Sob o lenho sagrado", francamente, é uma droga. Para elemento de convicção, basta transcrever-lhe os tres primeiros versos :

"Naquella tarde serena e sombria,
A minh'alma jovial
Sentiu algo cruel que *lhe* oppri-
[mia !..."

Estou convencido de que a sua alma jovial ha de cantar na minha cesta.

ALBERTO MELO (Aracajú) — Não se póde aproveitar o soneto : está muito fraquinho.

STELLA (Petropolis) — As photographias servem. Vou ver como se ha de arranjar a pagina.

VERA NUNES (São Paulo) — Os poemas da nova remessa não desmerecem dos anteriores. O que é preciso agora, é paciencia para aguardar espaço.

DR. CABUHY PITANGA NETO

NEM TODOS SABEM QUE...

A famosa estatua, erecta, num dos mais pittorescos logradouros de Lisboa, a Affonso d'Albuquerque, o heroe lusitano de fama immorredoura, foi fundida no Arsenal de Guerra daquella capital. Do mesmo modo o medalhão de Luiz Loriano, que figura num dos lados do monumento. A quantidade de bronze fundido foi calculada em 4.200 kilogrammas. A estatua estava quasi prompta em agosto de 1901, esperando-se a sua inauguração para o fim do anno.

Houve um retardamento de alguns mezes, devido a carecerem de verificação os apparelhos, que tinham de ser levados ao alto da columna commemorativa. O sr. Luiz Loriano, de quem fazemos menção, foi o doador do monumento.

◈ ◈ ◈

EM janeiro occorreu a morte de uma senhora das mais populares em toda a França: Marie Sautet, cognominada a "Madrinha da França". Criou nome ao inicio da Grande Guerra, quando se retirava da vida social. Sem meditar no que poderiam ser os seus ultimos dias, despendeu suas rendas e seu capital em proveito dos soldados patricios. Mostrou-se tão prodiga a ponto de, terminada a malfadada hecatombe, ficar reduzida á extrema miseria. Mas lembraram-se da "Madrinha", abrindo-se uma subscripção em seu favor, que foi coberta em poucas horas. As cinzas da sra. Sautet repousam no cemiterio de Issy-les-Moulineaux. Ali, doravante, em dia consagrado a sua memoria centenas de veteranos de 1914 virão cobrir de flores a campa daquella que elles baptisaram "sua boa maman".

◈ ◈ ◈

UM de nossos mais importantes estabelecimentos de caridade é a Casa Gonçalves de Araujo, situada em S. Christovão. Foi fundada por Antonio Gonçalves de Araujo, um honrado varão, portuguez de origem e brasileiro de coração, que veiu ao mundo na Foz do Douro, aos 11 de agosto de 1830. Tendo conseguido á custa do trabalho, accumular regular fortuna, não quiz só para si viver; pensou tambem nos seus semelhantes que mourejavam sem nunca reunirem a minima parcella do bem-estar sonhado. Foi assim que elle dotou a nossa Sebastianopolis com uma instituição pia, que honra sobremaneira a lembrança do seu benemerito. O dia 11 de agosto é consagrado á memoria de Gonçalves de Araujo.

GARY COOPER e MADELEINE CARROLL

Paramount Pictures

DIA 22 DE MARÇO no

ODEON

em

"O GENERAL MORREU AO AMANHECER"

com AKIM TAMIROFF - WILLIAM FRAWLEY - ETC.

Emocionante como "ADEUS ÁS ARMAS"!
Vertiginoso como "LANCEIROS DA INDIA"!
Romantico como "DESEJO"!

OS MORALISTAS PROFISSIONAES

Por
BENJAMIM
COSTALLAT

Os homens como que dividem em duas classes — os que entram em casa antes das sete da tarde, e os que entram antes das sete da manhã...

Os homens que entram em casa, invariavelmente, ás sete horas da noite, com o embrulhinho de manteiga no dedo minimo, são os mais perigosos.

E' conhecido o caso daquelle respeitabilissimo cidadão, pacato, burgez, funccionario publico exemplar, que tinha, no emtanto, uma familia constituida em cada bairro com sua respectiva próle de pimpolhos de todos os tamanhos. Quando perguntaram como havia conseguido dar tantos cidadãos á Patria, elle respondeu innocentemente :

— Na hora do café...

Não tenho confiança nos que falam em virtude e em seriedade, de chronometro na mão.

Ah! os que chegam pontualmente em casa! Que grandes malandros!

Os homens que fazem parte dos pseudo-sérios, descobriram uma nova, magnifica e inexplorada profissão — são moralistas! São moralistas, como se é medico, advogado, quitandeiro ou alfaiate. São moralistas profissionaes...

Esquecendo-se, como dizia Maeterlinck, que "as abelhas trabalham na obscuridade, o pensamento no silencio e a virtude no segredo", esses moralistas de ultima hora não fazem nenhuma reserva de suas virtudes. Muito pelo contrario. Fazem verdadeiro alarido. Berram, publicam, editam, fazem della um "dó" de peito de tenor de companhia lyrica popular, enchendo os ouvidos de todos, ensurdecendo a platéa, com uma virtude gritadora, falsa e convencional.

Têm sempre, esses cavalheiros respeitaveis, na ponta da lingua, dissertações preparadas, apavorantes, para os crimes dos outros — ameaçadores e terriveis como esses bonecos, ôcos por dentro, que mettem medo ás creanças...

No rostinho gaiato, os olhos denunciam uma idéa nascente.

Os frivolos e os egoistas não querem bem ás creanças. Um destes ultimos, que gosava da fama de ser escriptor notavel, chegou a escrever que ellas são "uns animaesinhos que só servem para comer, chorar e fazer barulho, molhando, de vez em quando, a roupa da gente grande..."

Ninguem póde, sem querer mentir, contestar que ellas têm, na verdade, essas quatro especialidades, mas tambem seria heresia negar o encanto enorme que as creanças possuem.

Eu quero a minha sopinha !

O que mais caracterisa, no entretanto, esses pedacinhos de gente que são o que de mais encantador existe no mundo, é que elles são as mais puras expressões de verdade e de sinceridade, no que se distanciam infinitamente de nós outros. Innocentes e leaes, simples e espontaneos, os pequeninos mostram ser aquillo que são realmente, e seus sentimentos, emoções, sensações e desejos são expostos e demonstrados com toda a mais clara naturalidade, como nós, os "grandes", jamais saberiamos ou poderiamos fazer.

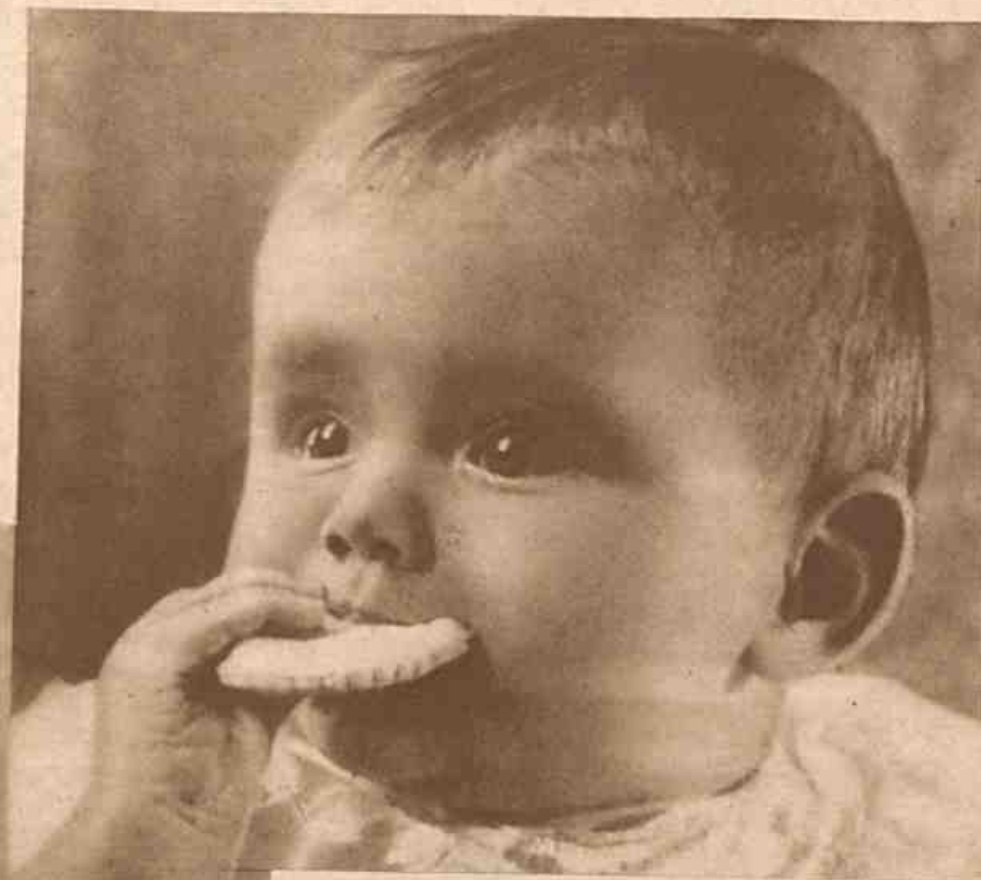
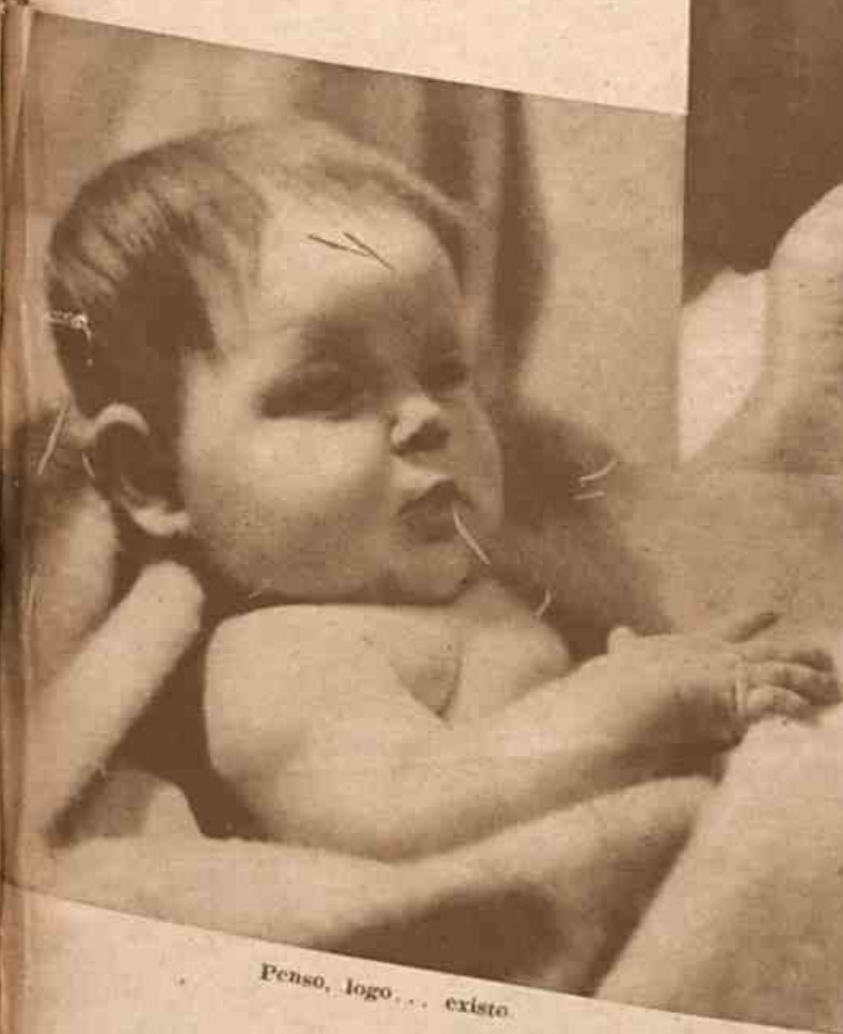
Observar uma creança, estudar-lhe as variadas e constantes alternativas sentimentaes, acompanhar detida e interessadamente as manifestações de seus estados de alma, é o que ha de mais curioso.

Muita coisa se aprende, no contacto com essas alminhas não contaminadas de vicios e que se mostram tal qual são.

Quando mais não seja, ellas nos ensinam a belleza da sinceridade, e nos falam do que seria o mundo, de quão differente e suave seria a vida se todos nós nos conservamos puros e bons como ellas são.

Mesmo chorando e correndo, fazendo barulho e molhando, vez por vez, as nossas roupas, ellas são, as creanças, o maior encanto da vida, porque são pequeninas imagens vivas do homem tal como foi creado, com a alma no mesmo estado de pureza e de belleza com que sahiu das mãos do Creador.

Dormirá, realmente ? Ou será um "trote" na mamãe ?

ELLAS SÃO O ENCANTO DA VIDA

Quem é que não vê que esse biscoito é o melhor do mundo ?

Penso, logo... existo.

Euphoria...

Quer vêr como eu faço, mamãe ?

BIGODES, BIGODINHOS E BIGODOES

Victor Manoel, ostentando o famoso bigode, frisado á russa.

Guilherme II, que orientou diversamente o uso do bigode.

Hitler com o bigodinho de Carlitos.

A moda é inflexivel. Não ha meio de lhe resistir, por absurdo e disparatado que seja o seu capricho. Mette o bedelho em tudo: na indumentaria, nas joias, nos cabellos, nas barbas...

O rosto do homem, como tudo o mais, tem soffrido as influencias da moda, no afan evidente de agradar á mulher.

Quem não se lembra das velhas estampas, mostrando os assyrios com as cabelleiras e as barbas encanudadas? Mas já no periodo neronico, a suprema elegancia, ordenava o cabello curto o rosto escanhoado. Porém, dos ornamentos capilares, o de maior prestigio sobre o espirito feminino, tem sido sempre o bigode. Pode até affirmar-se, sem receio de errar, que a sua influencia, tem sido tão avassaladora, como a dos olhares ardentes e apaixonados...

Não se póde contestar a fascinação que os bigodes petulantes dos mosqueteiros de Luiz XIV, exerciam no bello sexo. Nesse periodo de audaciosas aventuras, de tremendas rixas e de actos de coragem, as mulheres tinham dicida predilecção pelos bravos heroes de bigodes eriçados e pêrinha em ponta. Até os Cardeaes Richelieu e Mazzarini — que não eram insensiveis ao culto de Venus — usaram bigodes e péras, para acompanhar a moda que dava aos homens um aspecto mefistofelico...

Luiz XV, porém, em nome da elegancia e da hygiene, baniu os bigodes, mas conservou as cabelleiras de cachos...

Passaram-se seculos e na Russia, os bigodes desceram até aos lados do queixo, formando um vasto annel... Na Turquia e na Italia, esses bigodes, tiveram uma grande voga. Lembramo-nos da figura magestosa do rei Victor Manuel, ostentando o famoso bigode, frisado á russa.

Surgiu a moda da barba em bico — aqui trazida pelo actor Andó — com o bigode lustroso de brilhantina, e as damas enthusiasmaram-se. Contemporaneamente, appareceu a barba á nazareno. Foi quando imperador da Allemanha Guilherme II, orientou diversamente o uso do bigode. Eriçado, as guias, abertas, alçadas rosto acima, emprestavam um ar atrevido, provocador.

Contrariamente os velhos militares, deixavam descahir sobre a bocca, os fartos bigodes, de que era padrão, Clemenceau, o *Tigre*.

Por toda a parte, o bigode, mais ou menos farto, com ou sem brilhantina, de guias frisadas, foi sempre o encanto das mulheres. Outro tanto não se póde dizer do pouco esthetico bigode curto, genero escova de dentes, cortado rente com o labio.

De quando em quando, a moda, impõe o rosto glabro e por toda parte, só se vêem caras de padre... A moda, entretanto, variavel como os cataventos, espreita o exotico, o excentrico, com um novo sentido esthetico...

Charles Chaplin, o creador incomparavel da figura extranha de *Carlitos*, appareceu com aquelle montinho capilar sob o nariz... e a moda pegou. Ainda hoje, principalmente, entre os germanicos, Hitler á frente — se vêem os bigodinhos ratões do singular comico cinematographico.

A moda, entretanto, deu nova feição ao bigode: apresenta-se agora cortado em fórma de accento circumflexo, para exercer o imperio fascinador sobre o sexo fragil...

Carlitos com o montinho capilar sob o nariz...

PASSARO FELIZ

Póde a ovelha balir, além no monte,
Póde chorar o mar, cantar o rio,
Póde falar de Amor a agua da fonte,
Póde silvar o vento em rodopio:
Póde o aboio quebrar pelas quebradas,
Póde em furia o trovão luzir no ar,
Pódem guinchar as velas das jangadas,
Que andam perdidas lá, pelo alto mar;
Pódem encher de beijos as corollas
Das flores, chilreantes, os pardaes
Pódem gemer as cordas das violas,
Pódem dobrar na matta os sabiás,
Póde toda a tristeza de um "cabôco
Caber n'um verso de uma louvação.
Mas tudo isso é pouco, é muito pouco . . .
Tudo quanto o Brasil possue, que encanta,
Que é som, poesia, amor e vibração,
Tudo, tudo se encerra na garganta
De um passaro feliz: — Bidú Sayão!

LUIZ PEIXOTO

O EPISODIO SENTIMENTAL DE JOÃO GOMIDE

J. G. de Araujo Néto

— DIGA-ME uma coisa: o senhor não é o Blidonio da Immaculada, que morava na rua dos Taches, na Bahia?...

Eu fiquei a olhar o homem, meio indeciso, como quem procura o que dizer e depois dum momento consegui soltar:

— O Blidonio? Da Immaculada? Não, não sou eu...

— Pois olhe: ia jurar. E' a cara! Esse Blidonio foi meu conterraneo, sabe? Veio pra São Paulo, faz muito tempo já. Nunca mais o vi. Era um sujeito esquesitão, meio maluco. Por isso é que lhe pergunto: o senhor é a cara... Bem. Me desculpe. Mas é a cara...

Eu continuei estuporado, os olhos estanhados no homem que descia, bamboleante, a ladeira luzidia. Em casa, diante do espelho, não pude conter uma gargalhada: — Blidonio da Immaculada! Ora já se viu...

Aquelle incidente, porém veio avivar em meu cerebro outros factos de menor importancia que, naturalmente, a elle se prendiam pela mesma razão: é que eu tinha um sozia. Dahi, a curiosidade que se apoderou de mim por conhecel-o. Foi o destino que me poz nas pegadas do homem. Eu estava á porta do Bar 13, uma noite, esperando que a chuva passasse, quando um taxi parou junto ao meio fio. O motorista botou a cabeça para fóra e chamou-me:

— Seu Conceição, quer aproveitar? Vou para lá mesmo...

Eu afundei no carro. Conversámos sobre o tempo e sobre politica. Em frente ao numero 20 de uma rua desconhecida, paramos. Desci.

— Obrigado. Deus lhe pague.

— Ora... Até amanhã.

Apertei o botão e a campainha tilintou lá dentro. Uma senhora ainda jovem assomou á porta.

— Esqueceste a chave do portão? Espera um momento.

Eu quiz dizer alguma coisa mas a mulher desapparecera no interior. Quando voltou, trazia um guarda-chuva.

— Ora, Bibi, estás que és um pinto. Bem te aconselhei que levasses o guarda-chuva...

No vestibulo, beijou-me na bocca. Foi então que eu disse:

— Minha senhora, eu não sou seu marido.

A mulher olhou-me contrariada.

— Andaste bebendo?

Mas nesse momento a porta se abriu e entrou o verdadeiro Blidonio da Immaculada Conceição. Era "eu" que entrava... Olhando-nos por momentos — eu, assombrado da semelhança, elle com a curiosidade natural da pessoa procurada para alguma coisa. Depois como se recebesse um choque, correu para o espelho do porta-chapéos:

— Diabo! Você é a minha cara! E eu que vivo á sua procura...

— A' minha procura?

— Sim. Você não é o Demiurgo da Paixão? Não se lembra, então, de mim?

— Eu não sou nenhum Demiurgo! Meu nome é João Gomide...

— Qual Gomide! Isso é confusão! Você é o Demiurgo. Jante comnosco, eu lhe conto a historia toda.

— Mas, ninguem pode saber a minha historia melhor que eu...

Elle procurava convencer-me do meu erro. Que não. Que eu era o Demiurgo da Paixão de Jesus, filho dum Ignacio Valentim. de Alagôas, e de dona Honorina Vaentim. Que nossos paes mudaram-se para S. Salvador, ali nasceramos, os dois, numa noite fria de Junho de 1903...

— Perdão! Eu sou de março de 90!

Elle sorria, complacente.

— Olhe: esquecia-me — esta é a Ernestina, minha mulher... Venha jantar. Conversaremos melhor.

E puxou-me pelo braço, amigavelmente, como um verdadeiro irmão.

Na verdade, ninguem conseguirá convencer-me de que eu não sou natural de São João da Manga Larga, que meus paes foram Heliodoro da Cunha Gomide e dona Euphrasia da Siqueira Campo-maior, que, emfim, eu nasci no dia 25 de março do anno de 1890. Ahi estão o meu baptisterio, o meu titulo de eleitor, a minha portaria de nomeação como escripturario da Fazenda. Mas foi naquelle jantar memoravel que eu fiquei sabendo a minha "verdadeira" historia. Assim, passei a ser Demiurgo da Paixão de Jesus, e tive de accrescentar mais tres annos á minha já alongada idade de solteirão pacato...

— Olha: mudas-te para cá. Tenho ahi um quarto excellente. Precisas deixar essa vida bohemia. Talvez te arranjemos uma noiva...

Para usar de franqueza, precisarei dizer que não houve, da minha parte, grande relutancia em acceitar o convite. Esta vida estupida, solitaria, inutil, de celibatario obstinado, já me enchia as medidas. Por que não acceitar hospedagem no seio daquella familia simples e honrada, onde meus dias poderiam tornar-se menos monotonos, mais toleraveis? Lá fiquei, installado no quartinho do andar superior, que dava para o quintal barulhento de gallinhas. A familia era pequena: o casal e duas filhas mocinhas — Lucia e Helena. Era gente arredia, de difficil encontro, pois ambas trabalhavam na cidade, em horas diversas das minhas. A unica com quem eu mantinha mais frequente contacto era "minha cunhada", mulher amavel, desses para as quaes tudo está muito bom, muito direito. O meu "irmão" Blidonio, esse era sujeito differente. As suas occupações, que lhe tomavam todo o dia e grande parte da noite, eram-me um mysterio. Sei que sempre o vi endinheirado e falava, até, em comprar carro. Entanto, as filhas continuavam mourejando no trabalho e dona Ernestina jamais tivera uma empregada. Era mulher para quem tudo estava muito bom, muito direito... Certo, não seria eu que andasse a bisbilhotar da vida alheia. Porque, afinal, pouco se me dava que Blidonio fosse isto ou aquillo, desde que me proporcionasse um lar, o lar que fôra, até então, meu sonho e minha ansiedade unica. Mas, é que... Não sei como me explique. A vida do meu irmão era algo estranha, fugia á norma de vida de todas as outras vidas communs. Longe de mim, insinuar antipathia por quem não siga o meu modo de ser: ao contrario, admiro até os que logram exhorbitar o materialismo insosso deste mundo de dores. Blidonio, porém, passava o dia fóra de casa. Raras vezes fazia as suas refeições em familia e, para ser mais explicito, direi que durante o primeiro mez de convivio em sua casa, fiquei sem vel-o perto de quinze dias seguidos.

— Anda viajando, dizia-me a mulher.

E as viagens se repetiam, se prolongavam, indefinidamente.

Naquelle domingo de chuva, mettido no seu chambre negro de listas vermelhas, era Blidonio a personificação da impaciencia. Andava dum para outro lado, esfregava as mãos, coçava a cabeça.

— Que maçada, esta chuva...

— Afinal, não podes ficar em casa por uma noite?

— Negocios, mano, negocios. Eu sahiria, não fosse o resfriado. (E tossia, o pobre). Mas tenho medo de piorar...

— Talvez eu te possa ser util, se fôr coisa urgente.

Elle olhou-me com satisfação, batendo na testa.

— Feito. Vaes por mim. Sabes onde é a rua do Tanque, em Villa Clementino?

— Diabo! Aquillo é só lama...

— Não importa. Pégas um taxi. E' no numero 1011. Tens que levar, com urgencia, á dona Floripes, a moradora do predio, estes oito contos. Entregas o dinheiro, de modo de ninguem te veja. E' coisa seria, segredo, sabes. Trazes um pacote que a velha te dará. E' só. Vae depressa!

Fui. O numero 1011 é um pardieiro. Custou-me crer que alguem pudesse residir naquella baiuca, principalmente alguem que recebe, duma vez, em troca dum pacotinho, oito contos de réis! Mas lá bati. Attendeu uma velha, decentemente vestida, os oculos negros fuzilando reflexo, á luz baça da lampada.

— Trouxe o dinheiro?

Passei-lhe as notas. Ella entregou-me o embrulho e desappareceu. Percebi frascos minusculos, ao apalpar o pacote. Era essencia de perfumes, conforme me assegurou mais tarde Blidonio. Tomei o taxi e refiz o mesmo caminho. Ao cruzar uma das ruas que conduzem á arteria principal, dei de encontro com outro taxi, e de dentro delle, Blidonio me acenava, que parasse.

— Tens ahi o embrulho?

— Tenho. Mas... e a grippe?

— Dá-m'o. Puxa... alliviei...

Eu quiz perguntar alguma coisa. Mas elle se sumiu nas almofadas e o carro deslisou velozmente pela rua lamacenta.

Este facto veio, até certo ponto, confirmar suspeitas vagas que eu alimentava com respeito ao **modus-vivendi** do meu irmão. E lá no fundo do cerebro, muito encolhidinha e medrosa, repontou a idéa confusa, que mais tarde se tornaria certeza e repulsa. Sei que, desse dia em diante, Blidonio melhorou consideravelmente de vida. Comprou o "carro". Pagou hypotheca. Frequentou theatros. E apezar de tudo, dona Ernestina lá ficava, solitaria, a tratar de tudo, a attender a tudo, principalmente aos exoticos freguezes de essencia. Era uma creatura para quem tudo estava muito bom, muito direito...

A Heleninha convidou-me para visital-a, um dia qualquer, no "atelier" onde trabalhava. Um dia qualquer fui. Era uma dessas grandes casas de modas, repleta de longos tapetes e de longas passadeiras caricisosas, uma volupia incontida de coisas vaporosas, a palpitar nos minimos detalhes. Confesso que me senti mal entre mulheres de perfis longos e lascivos e homens de olhar impudico, como satyros sedentos de lama... Heleninha veio ao meu encontro. Era um sorriso aberto. E conhecia meio mundo, cumprimentava dum lado, sorria doutro,

ao abysmo da perdição, não passa dum grandissimo patife. Mas eu me enganava. No parque dom Pedro, pararam. O cavalheiro distincto, o mesmo da loja, approximou-se, metteu a mão pela vidraça e tirou um embrulhinho. Depois o auto rodou novamente, até a casa. Foi quando eu respirei, alliviado: naturalmente aquillo era coisa de negocios, de essencias...

— Pois é isso mesmo. Quando menos a gente espera...

Isto me dizia a Ernestina, a quem contara Blidonio que a visinha tirara a grande na Federal.

— Quando menos a gente espera... respondi, alheiado.

Ernestina, nessa noite, estava differente. Ia sahir. Pela primeira vez, desde a minha chegada. Blidonio fôra fazer uma das suas viagens e ella, para espairecer, (dissera-me) pretendia ir ao cinema. num distribuir infinito de galanterias amaveis. Estavamos a olhar, de um canto, o borborinho da loja, quando um cavalheiro de maneiras distinctas approximou-se de nós e, dirigindo-se, em voz baixa, á minha sobrinha, disse:

— Então, hoje?

Ao que ella respondeu, no mesmo tom:

— Hoje, ás 10, no lugar do costume.

— Quanto?

— Quinhentos...

O cavalheiro fez um signal com a cabeça e desceu os degraus, cantarolando. A idéa confusa, que repontara no fundo do cerebro, encolhidinha, medrosa, tomou então formas audaciosas, e começou a espicaçar a minha curiosidade: — A's dez, no lugar do costume... 500 mil réis... Não, não era possivel. Podia crer em tudo, tudo menos isso. Não foi sem ansiedade que eu esperei o fim do jantar. A's nove horas sahi, e fiquei rondando pelo bairro, a espera. Quando vi o carro de Blidonio fungar no jardim, chamei um taxi. O pae sahia com a filha! Então tive ganas de lhe arrebentar a carotida, a canivetadas. Chamei-lhe nomes horrendos, e deixei-me levar, no rasto dos desavergonhados. Sim, porque um pae que se presta a conduzir a propria filha

— Posso acompanhal-a?

— Porque não?

Era uma fita de Greta Garbo.

Num dos intervallos, Ernestina apontou-me a porta lateral, onde um rapaz de grandes olhos doentios fumava, encostado ao batente.

— Vês aquelle moço? E' nosso conhecido, fabrica perfumes. Blidonio pediu-me para entregar-lhe este frasco (e abria a bolsa) e eu vou aproveitar o encontro. Ou melhor... entrega-o tu mesmo. Elle pensará que és o Blidonio em pessoa...

— Mas...

— Recebe quinhentos mil réis.

Posso garantir que a minha sympathia pela Ernestina, até aquelle dia do cinema, não passara de mera amisade fraternal. Foi, pois, com prazer, que recebi della, ao findar a sessão, um convite displicente para tomarmos "qualquer coisa" na Vienna. Fomos. Sei que a minha figura pouco elegante devia ter chamado a attenção daquella gente distincta que atulhava as mesas da casa, no domingo garoento de dezembro. Mas, ao passar por um grupo de moças que debicava sorvetes a um canto, ouvi:

— Esse é o coronel Conceição, sujeito cheio...

Ao que um rapaz de bigodinho loiros accrescentou:

— A mulher é ainda bem "bôa"...

Eu senti-me vexado por saber que a Ernestina ouvira o dichote. Mas uma curiosidade estranha bisbilhotou dentro em mim insinuações maliciosas e, ao fitar minha companheira, fil-o já com a intenção preconcebida da analyse. Eu queria ver se ella era, de facto, "bôa"! E fiquei a miral-a, boquiaberto, como um garimpeiro maravilhado ante a pedra apetecida:

— Que é isso, Demiurgo, tenha geito!...

—:—

— Então, pagou?

Isto, ouvi Blidonio inquirir de Lucia, uma noite, á porta da rua. Chovia. Ella puxou, sem responder, um maço de notas do bolso da capa e lh'o entregou. Eu, por insomnia, ficara á janella, olhando a rua silenciosa, brilhante e lamacenta da enxurrada. Lá em baixo, na sala de jantar, pae e filha altercavam:

— Precisas ser mais diligente, mais esperta. Vê tua irmã: tem tino pro negocio...

— Negocio! Chama a isso negocio? Expor-nos ao perigo de sermos apanhados neste commercio illicito! Negocio... Você é um vendedor de...

— Cala-te!

Passava, nesse momento, um carroção de lixo, timpanante, pesadão, barulhento. E a chuva continuava a cahir, a cahir... Decididamente eu não comprehenderia, jamais, aquella familia.

— E Ernestina? — perguntava-me o sub-consciente, velho tartufo sensual, lá de dentro de sua clausura sordida.

— Ah... Ernestina...

E lá me deixava ficar tamborilando os dedos na vidraça, todo cheio de arrepios, o coração a bater forte, como um collegial enamorado... Sentia que "minha cunhada" já era algo para mim. Algo, nem que fosse o embryão dum desejo quente, buliçoso, doce, a espicaçar meus nervos catalépticos! Esse, o motivo por que eu permanecia na casa, pois alguma coisa me dizia, — talvez o chamado senso divinatorio, que é como um sexto sentido — que ali havia coisa. E que para um João Gomide não ficava bem apparecer, dum momento para outro, no cabeçalho gritante dos jornaes...

Evitarei delongas. Por uma noite escaldante de estio, eu voltava do banho, em roupão, julgando todos recolhidos, quando á porta do quarto assoma a figura humilde da Ernestina, os olhos inchados de somno, um langor lubrico de espreguiçamento... E a voz molle:

— Ah! E' você... pensei que fosse ladrão...

Eu tremia, tremia como um verdadeiro ladrão apanhado em flagrante. Porque, conscientemente, eu me julgava torpe, torpe por alimentar aquelle pensamento sujo que me opprimia e ao mesmo tempo me enchia de prazeres violentos, flagellando-me o corpo e a alma!

— Mas, Demiurgo... Você está tremendo... Entre aqui, tome um cognac...

Eu entrei. Entrei e tomei cognac.

Os meus amores com a Ernestina duraram mezes. Hoje, confesso-o de alma cheia, tenho saudade daquelle tempo. Eu li alhures que o amôr tem os mesmos caracteristicos da rosa: — belleza, fragancia, inconsistencia e espinhos. Assim é. E affirmo-o de cathedra...

Eu nunca fui sujeito curioso. Isso de bisbilhotice, indagações, disque-disques, não é commigo. Por esse motivo deixei-me levar pela paixão violenta, paixão dos 40 annos, sem procurar saber como se desenvolvia os mysteriosos "negocios" daquella gente. Que era coisa illicita, sabia-o eu. Mas talvez a illegitimidade consistisse em burlar o fisco, hypothese que me bastava para trazer a consciencia tranquilla, pois os meus afazeres não tinham relação com esse genero de serviço burocratico. Meu mundo era Ernestina. E esse mundo dava-me sobejos motivos de felicidade, perennes alegrias, sem exigir de mim um unico ceitil. Para não parecer pretencioso, direi que Ernestina me pedia, frequentemente, para entregar, sempre ás escondidas e em circumstancias mysteriosas, os celebres frascos de essencia. Meu irmão tinha freguezia certa e, devido á nossa parecença, eu podia desempenhar o seu papel sem despertar desconfianças. Isto lhe era utilissimo, dado o facto de elle necessitar ausentar-se frequentemente, para o Rio e Interior. Assim, nada me custava auxiliar a familia, (todos se dedicavam a este commercio) e era u'a maneira indirecta de pagar a divida de amor contrahida para com Ernestina. E tão cheio de felicidade andava eu, que foi com inqualificavel prazer que ouvi o pedido do Blidonio, depois de um jantar de domingo:

— Oh! Demiurgo: não me podes emprestar uns dez contos? Ando meio apurado, sabes, e pensei...

— Fica descansado. Eu arranjo.

E arranjei. Mais que elle pedisse. Eu era feliz. Queria "pagar" a minha felicidade... E esquecia-me de que essa felicidade era mutua, razão do amor que Ernestina innegavelmente me dedicava.

—:—

Foi. Foi naquelle mesmo domingo. Eu sahira para cidade e, já no ponto do bonde, lembrei-me de que deixara sobre o aparador, uma carta que devia pôr no correio. Voltei. A' porta, emquanto no bolso a chave pequenina, ouvi vozes que discutiam:

— Esses teus amôres com o idiota já estão passando da conta!

— Mas, Bibi, tu mesmo me aconselhaste a proceder assim... E' para nosso bem... A idéa partiu de ti... Não foste tú mesmo que inventaste essa coisa de irmão-gemeo?

— Sim, a idéa foi minha. Mas isso de o admittires em nosso aposento, isso não faz parte do plano!

O plano! Então havia um plano... E eu me deixara levar por engodos! Só então percebi o quando fui "desfructado" por aquella corja! O plano! O plano!

A idéa confusa, que repontara no fundo do cerebro, não era mais simples conjectura sem base. Ahi estava a pura verdade. Sahi, desesperado, rua a fóra, sem destino certo. Na manhã do dia seguinte, accordei num quarto de hotel, amarrotado, tonto, uma amnêsia inexplicavel, embotando-me as idéas...

—:—

Recebi, hoje, uma carta do "meu irmão" Blidonio:

> ...e estamos detidos, com a accusação de mercadores de toxicos. Como você tambem "anda envolvido neste negocio", peço providenciar para que nos seja permittido sahir sob fiança...

Paguei a fiança. Vi mais uma vez Ernestina. Falei-lhe. Ella me olhou com os grandes olhos humildes, não disse nada, não pediu nada. Era uma creatura para quem tudo está muito bom, muito direito...

UM ELOGIO DA VIAGEM

Eu gosto muito e muito de viajar.

Logo que cheguei a este mundo, levaram-me a fazer uma viagem muito extensa e bonita. Foi isso, quando eu tinha quarenta dias apenasmente de vida e experiencia sobre a terra. E, desde então, fiquei gostando muito e muito de viajar.

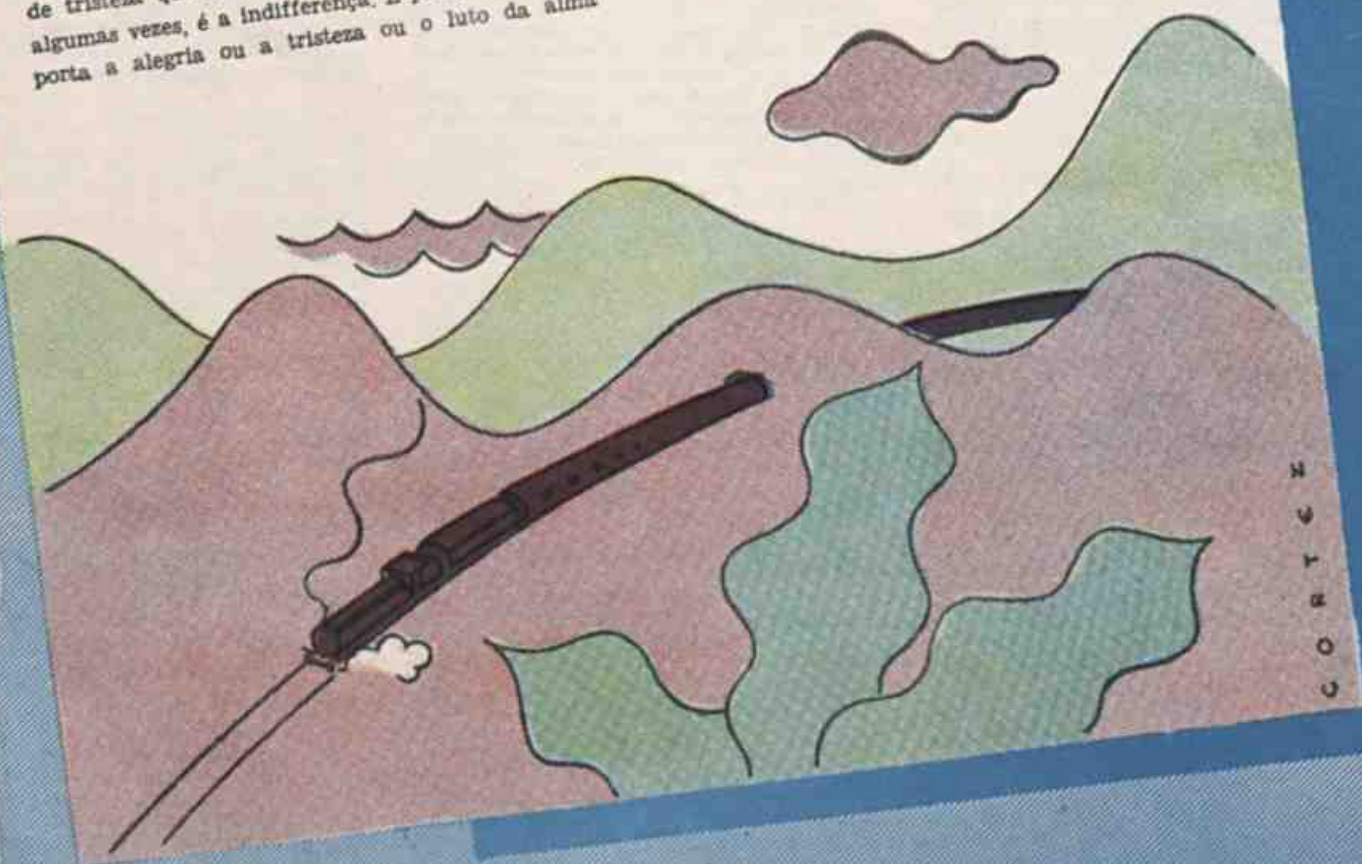
Para mim, a felicidade está situada na janella rectangular e despretenciosa de um *wagon* de trem.

A bandeirola do *guarda* desfraldada no ar, é uma festa de alegria verde para o encanto dos meus olhos. Aquelle barulho, complexo de ferros e engrenagens, de rodas e de alavancas, é uma orgia rythmada de sons cadenciados, embriagando a audição, o sentido maravilhoso da gente.

Alguma cousa me attrae na figura do comboio estacionado na estação, para partir. Alguma cousa de mim mesmo que está condensada na melancholia invariavel do apito tristonho da locomotiva. A locomotiva é um monstro que chora. No proprio silvo agudo do assobio do *guarda*, está um pingo de tristeza que fala ás almas evocativas. O trem, algumas vezes, é a indifferença. E pouco se lhe importa a alegria ou a tristeza ou o luto da alma das estações por onde passa. Elle avança incessante, apressado e apathico, porque essa é a sua finalidade. Outras vezes, é uma imagem da vida, com suas tres phases distinctas caracteristicas. Sae da gare inicial do itinerario de sempre com aquella indecisão propria da criança, aquella hesitação infantil. Dá volume á marcha até ganhar a grande velocidade, trepidante e nervosa, numa sede illimitada de terreno, numa ambição de moço, num anceio de juventude, num ardor de vida, de acção e de mocidade. Por fim, no termo da caminhada, é a velhice cambaleante, arfando de cansaço. Nas campinas, o comboio é a loucura que investe pela estrada afóra, saltando cegamente os abysmos sem fundo e arremessando-se de encontro ás grandes montanhas, para perfural-as através dos tunnels escuros. Os trens são assim. A's vezes penso que é por isso que gosto muito e muito de viajar.

Vou fazer do mundo o meu grande parque de diversão...

A felicidade para mim está na janella de um *wagon* de trem.

SOLON BORGES DOS REIS

● A mocidade do Pará enviou á Associação dos ex-Combatentes Paulistas uma caixa contendo areia do local onde, em julho de 1932, em Belém, tombaram alguns estudantes paraenses que pegaram em armas em favor da revolução constitucionalista desencadeada em São Paulo.
● O Instituto da Ordem dos Advogados do Brasil dirigiu officios a todas as municipalidades do paiz solicitando uma contribuição, minima que seja, para a erecção de um monumento á Ruy Barbosa, nesta Capital.
● Fracassou a tentativa de vôo directo, sobre o Atlantico, Berlim-Buenos Aires, que estava sendo feita por um piloto allemão em avião Junkers.
● O ex-ministro plenipotenciario do Negus, em Paris, Sr. Wolds Marian, offereceu ao Sr. Lessova, ministro das Colonias da Italia a farda que usava como representante do imperio abyssinio, para figurar no Museu Colonial Italiano.
● Falleceu o Dr. Sergio Loreto, ex-governador de Pernambuco e uma das mais expressivas figuras da nossa magistratura.
● O Sr. La Guardia, prefeito de Nova York pronunciou violentissimo discurso contra o regimen nazista, declarando que, para a Feira Mundial de 1939, a effigie de Adolf Hitler devia figurar em uma "Galeria de Horrores".
● Foram derrubadas as sébes seculares de arbustos que margeiam a alameda da Gruta de Lourdes, no Vaticano, porque estavam atacadas de terrivel praga, impossivel de destruir.
● Uma grève inedita se verificou em um mosteiro de Deir del Moharrak, onde todos os monges se encerraram em suas celas em signal de protesto pela nomeação do novo abbade.
● Em Vienna, foi preso um operario que se applicava injecções de petroleo para produzir no proprio corpo tumores de longa duração, com o objectivo de, durante o periodo da molestia, ser mantido pelos recursos da "Caixa Medica" dos operarios.
● Regressou dos Estados Unidos, acompanhada de seu esposo, a applaudida pianista patricia senhora Guiomar Novaes Pinto.
● Na vaga aberta na Academia de Letras com o fallecimento de Goulart de Andrade, inscreveu-se, entre outros, o conhecido publicista e brilhante jornalista Barbosa Lima Sobrinho.
● Foi fundado, no Rio Grande do Sul, sob a orientação e presidencia do Sr. Lindolfo Collor, um novo partido politico que pretende reviver os principios prégados por Julio de Castillos.
● Procedeu-se em Bello Horizonte á eleição para juiz de paz do municipio de Coração de Jesus e foi eleita a Sta. Maria Stella de Souza. O interessante é que o collegio eleitoral era composto de nove mulheres e dois homens e a victoria da eleita foi por 2 votos, ou seja, os votos masculinos. As outras candidatas votaram nos proprios nomes.
● Foi decretada a intervenção federal no Estado de Matto Grosso, para pôr termo aos desmandos do governador Mario Corrêa. O interventor nomeado é o Capitão Ary da Silva Pires.
● Realizou-se a eleição da directoria da "Casa de Castro Alves", tendo sido eleito presidente o poeta e romancista Jorge de Lima, e vice-presidente o jornalista M. Paulo Filho, director do "Correio da Manhã".
● O director da Estrada de Ferro de Bragança — Estado do Pará — examinando a folha de pagamento do pessoal extraordinario dos trabalhos de linha, já com o "visto" do chefe da Divisão, exharou o seguinte despacho, que é uma repetição de outro proferido pelo marechal Floriano Peixoto :

— "Pague-se. Mas, que ladrões ! !".

● O dr. Agamemnon de Magalhães, ministro interino da Justiça, indeferiu o pedido do deputado Adalberto Corrêa de 200 contos de reis para a Commissão de Repressão ao Communismo, visto já ter sido extincta aquella commissão e não estar o pedido baseado em preceito legal.
● Foi corôada de pleno exito a experiencia feita na Directoria Regional dos Correios e Telegraphos do Estado do Rio, de um apparelho telephonico sem fio, ahi installado pela International Standard Electric Comp. O governador Protogenes Guimarães falou pelo telephone com o ministro Marques dos Reis em seu gabinete nesta Capital.
● O embaixador do Brasil em Paris, Dr. Souza Dantas, offereceu um almoço á aviadora Maryse Bastié, que recentemente esteve nesta Capital, na realisação de um vôo transoceanico.
● A Bibliotheca Municipal de São Paulo adquiriu os manuscriptos das obras de Ruy Barbosa, composta de 15 mil autographos e toda a sua Collecção Brasileira.
● Durante uma recepção de gala em Kowno, o ministro sovietico Podolski dirigiu taes galanteios á senhora Franzoni, esposa do ministro da Italia, que esta teve que repelil-o energicamente, esbofeteando-o em publico.

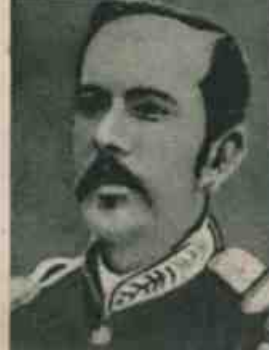
Ruy Barbosa

Dr. Sergio Loreto

Barbosa Lima Sobrinho

Guiomar Novaes Pinto

Maryse Bastié

Castro Alves

Floriano Peixoto

A tradicção perpetuára entre os Romanos, o conhecimento das erupções do Vesuvio, mas por isso mesmo que se referia a épocas remotas, tendia já a obliterar-se e as cidades que se levantavam nas suas encostas, eram habitadas sem a menor inquietação da parte dos habitantes. "Estes logares, diz *Strabão*, falando d'Herculanum e Pompeia, são dominados pelo monte Vesuvio, rodeado de ferteis campinas, excepto no cume, onde se estende, na quasi totalidade, uma superficie plana completamente esteril, semelhante a um montão de cinzas. D'onde a onde, em meio dos rochedos de côr escura, que se diriam queimados a fogo lento, apparecem camadas profundamente fendidas. Tudo nos levaria a crer que outr'ora nesses logares em

O vulcão, apesar d'um longo periodo de repouso, não estava, comtudo, extincto. Devia acordar mais tarde, inesperadamente, por uma formidavel erupção, que destruiu algumas cidades levantadas nas faldas do monte. Foi no mez de Agosto de 79, após successivos tremores de terra e que no decurso dos desesseis annos anteriores haviam abalado a região. Plinio, o moço, na carta dirigida ao historiador Tacito, dá-nos a descripção desse acontecimento, durante o qual morreu seu tio, victima d'um entranhado amor á humanidade e á sciencia. A quéda de pedra pommes no começo da erupção, mostra que a immensa chuva projectada pelos gazes da nova cratéra, era constituida já pelas cinzas arrojadas das profundezas da terra, já pelos destroços duma parte do antigo cone do Vesuvio, designado pelo nome de Somma. Foi pela accumulação successiva destas materias, que se explicou a desapparição das cidades d'Herculanum, Pompeia e Stabies, mas o transporte de camadas tão espessas é difficil de admittir, considerando a distancia que as separa da cratéra. A este respeito, parece-nos muito mais justa

AS RUIN

chammas, se formaram crateras nos pontos em que o incendio, por falta de alimento se apagára". A guerra civil que rebentou na Campania, no anno 73 antes de nossa era e cuja sorte foi durante tanto tempo adversa ás forças consulares, começou pela revolta de duzentos gladiadores gaulezes e thracios, commandados por Spartaco. Refugiados no Vesuvio e atacados pelas tropas mandadas de Roma, deveram a sua salvação a uma das fendas da montanha, atravéz da qual poderam passar para além do acampamento dos sitiantes. Estes, vendo-se cercados, fugiram, abandonando o campo aos inimigos.

a idéa emittida por *Ch. Saint-Claira Deville*. Este sabio explorador dos vulcões mostra-nos, com effeito, que, no momento em que o Vesuvio entrou de novo em actividade, o seu cume se fendera em varias direcções transversaes, cujo laço

de união com todo o systema vulcanico da Campania, reconheceu. Duas dessas direcções passavam precisamente pelas cidades destruidas, que teriam sido sem duvida sepultadas sob as torrentes de cinzas, lama e lavas jorradas por essas aberturas.

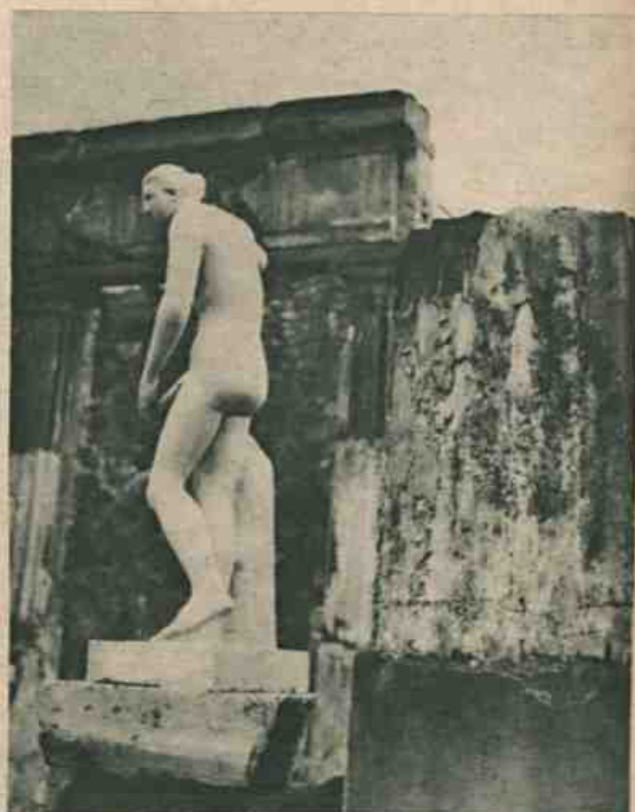
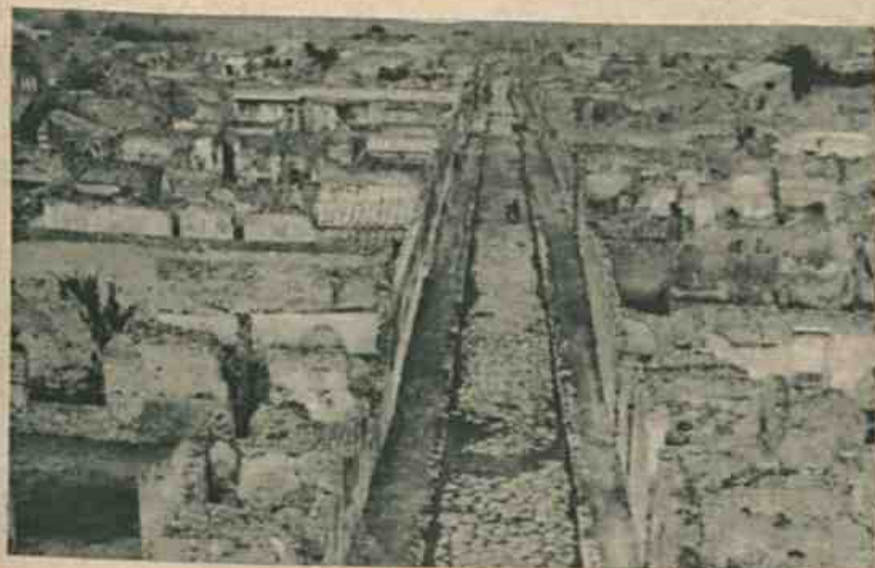
E' sabido que, até meiados do seculo passado, se ignorou a verdadeira posição dessas cidades. Uma serie de excavações realisadas depois dessa epoca, permittiu aos modernos transportarem-se, como por encanto, ao centro da vida dos tempos antigos e adquirir nessas

ruinas conservadas pelas camadas vulcanicas, atravéz desoito seculos, *as* mais preciosas revelações para a sciencia e para a historia. Um interessante livro de *Monnier*, dá-nos a descripção dessas ruinas. Exhumaram-se monumentos, edificios e milhares de objectos de arte e industria. Encontram-se ha alguns annos diversas fórmas humanas, mas que tristes fórmas! As cinzas dissolvendo-se no vapor d'agua, envolviam os corpos no momento em que expiravam, modelando-lhes os contornos. Por um processo simplicissimo, chegou-se a reproduzir-se-lhes a imagem em gesso. "Não ha espectaculo que mais dolorosamente nos surprehenda, diz *Marc Monnier*. Não são estatuas, são corpos humanos moldados pelo Vesuvio. Ainda lá estão esqueletos envolvidos pelo gesso que reproduz, o que o tempo teria destruido e que a cinza humida conservou, as roupagens e a carne, direi até, quasi a vida. Os ossos rompem aqui e além, nos

AS DE POMPEIA

sitios aonde a corrente de lava não chegou. Em parte alguma do mundo existe cousa que se assemelhe a isto. As mumias egypcias são nuas, negras, asquerosas, nada têm de commum comnosco, foram destinadas ao repouso eterno numa attitude consagrada. Os pompeianos exhumados, esses são sêres humanos que vemos morrer".

A partir de 79 houve algumas erupções, de que existem indicações, nos annos de 204, 472, 512, 685, 993, 1036 e 1136. A de 1136, que foi violentissima, succedeu um periodo de quinhentos annos, durante o qual, o vulcão se manteve em repouso. Nos principios do seculo dezesete, a cumiada do monte apresentava a fórma duma ampla bacia coberta, no dizer dos viajantes, — de velhos carvalhos, castanheiros e bordos. No decurso de Dezembro de 1631, o vulcão abriu-se por cima do largo fosso, interposto entre a cratéra e a Somma, denominado Atrio del Cavallo. Desabou uma grandes parte da montanha e a erupção terminou por uma corrente de lava que foi perder-se no mar, nas proximidades de Portici, depois de ter na passagem incendiado as casas e as arvores. Em 1660, o vulcão agitou-se de novo e nas erupções que se succederam, até 1685, soffreu grandes mudanças de fórma. Os annos de 1707 e 1724 marcam, em seguida, novos periodos de actividade.

No mez de Maio de 1737 a montanha lançava muito fumo e de 16 a 19, ouviam-se rugidos subterraneos. acompanhados de estrepitosos rumores. O Vesuvio continúa sempre em actividade. com um Observatorio, que estuda os seus periodos de repouso e de ignescencia.

Santa Casa do Rio

A ORIGEM E EVOLUÇÃO DOS HOSPITAES

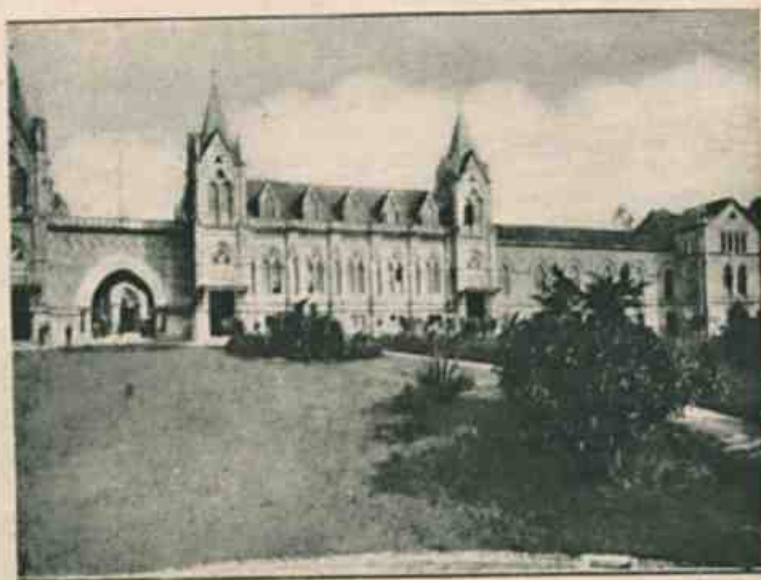
Na antiguidade, não havia hospitaes. Em Athenas, os soldados pobres eram alimentados, com sua familia, no Prytaneu, mas não eram asylados quando enfermavam. Noutras cidades gregas, não se proporcionava nenhum auxilio aos desgraçados. Entre os romanos, tambem, não havia estabelecimentos para agasalhar indigentes. Graças ao Christianismo é que se iniciaram as instituições para tratamento dos desherdados da sorte. No anno 258, Lourenço, chefe dos Diaconos, reunia na sua egreja o maior numero de infelizes, mantendo-os á custa das esmolas que recolhia.

No anno 380, diz São Jeronymo, Fabiola dama romana de alma grande, constituiu o primeiro hospital. Era uma casa de campo destinada a albergar e cuidar dos doentes que se encontravam pelos caminhos. Pelo V seculo appareceram incontaveis casas de abrigo para doentes. Durante a Edade-Media as casas hospitalares das cidades eram importantes. No XII seculo, eram dispostas como granjas e mercados: na parte destinada aos viajantes e enfermos havia uma sala espaçosa dividida em tres naves, a central ficava quasi sempre livre e as lateraes eram occupadas com as camas. Os hospitaes do XIV seculo possuiam sempre varias salas para enfermos, uma casa conventual e uma capella, dispostas em derredor de um pateo rectangular, e as demais dependencias num segundo pateo. Este systema subsistiu até fins de 1.700.

Os enfermos, qualquer que fosse seu numero, eram alojados numa sala commum. Depois do incendio do Hospital de Paris, occorrido em 1772, a Academia das Sciencias estudou o meio mais conveniente para installar hospitaes, e adoptou o typo que serviu de modelo, mais tarde, para o Hospital de Lariboisière e para a famosa casa de Saude Dr. Blackburn (Inglaterra). Em 1785, havia na "Hôtel Dieu" (Santa Casa) de Paris numero excessivo de leitos e em cada um delles quatro, cinco e mesmo nove doentes. Os mortos e os moribundos eram misturados com os vivos. As salas dos loucos ficavam contiguas ás dos operados.

As operações effectuavam-se sem anesthesio e á vista dos doentes. Na sala destinada ás parturientes viam-se juntamente mulheres sãs e doentes compartilhar os mesmos leitos.

O primeiro hospital da Argentina, o San Martin, foi installado por Garay numa pequena casa situada entre as ruas chamadas actualmente 25 de Mayo, Sarmiento, Reconquista e Corrientes. O Primeiro hospital para mulheres, fundado na grande e prospera Republica, teve origem na Irmandade da Santa Caridade e, em 1887, foi trasladado para a rua Bustamante (hoje Rivadavia). Em 1883, o Dr. José Ramos Mejia creou a Assistencia Publica de Buenos Aires.

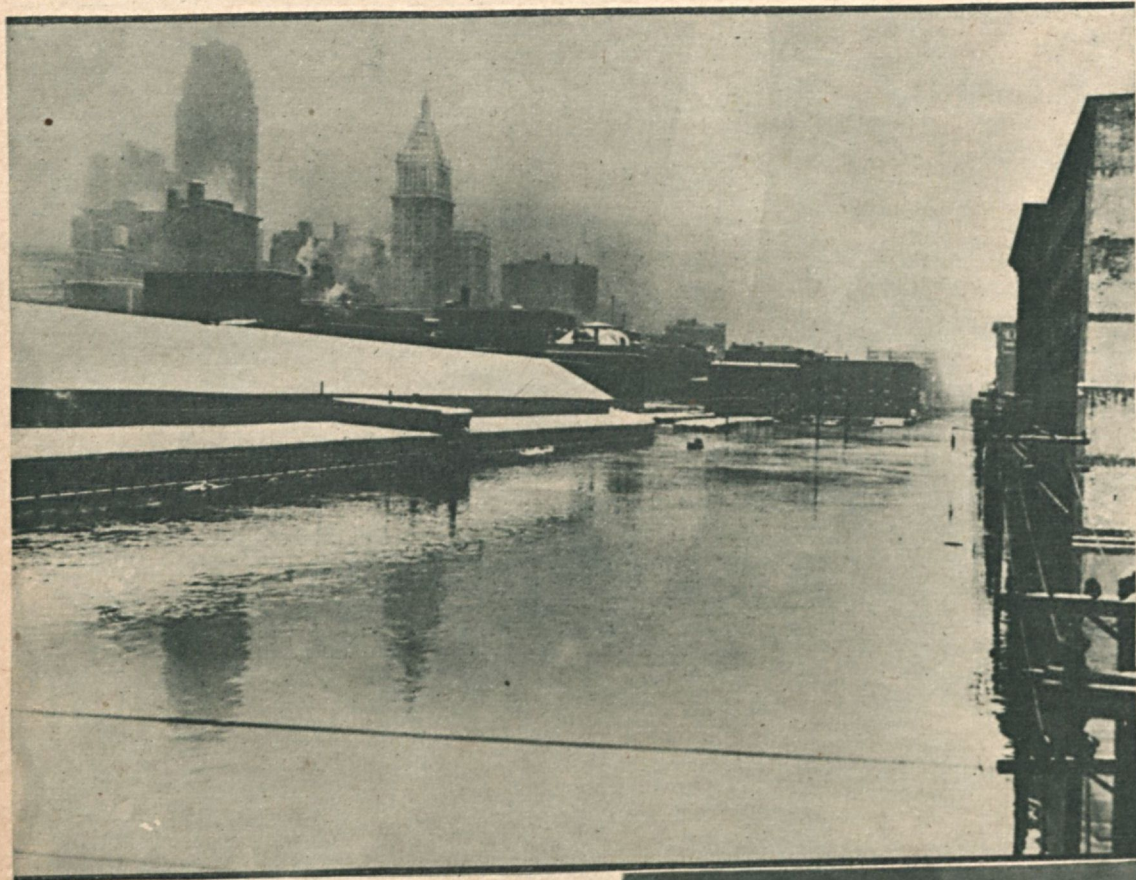
Entre nós, foi "sob o manto do Catholicismo" (expressão de Moncorvo Filho) que se iniciaram as obras de beneficencia, a saber: albergues para peregrinos, asylos para pobres e doentes e cemiterios. Foi em Santos que se abriu o primeiro estabelecimento hospitalar, e isto no anno de 1547 ou 1543, por intermedio de Braz Cubas. Em 1555, surgiu o nosso segundo hospital, este na capital do Espirito Santo. Vieram em seguida o de Olinda (1560), o de Ilheus, Bahia (1564), o desta Capital (1582), que é a Santa Casa, a de São Paulo (1680) e, finalmente, as santas casas de Minas, de Santa Catharina e de Angra dos Reis, naquelle seculo.

Santa Casa de São Paulo

Vivendo no ar oomo se vive em terra

Confortavelmente installados em suas poltronas, os passageiros se distraem com a paisagem ou tratam da sua vida

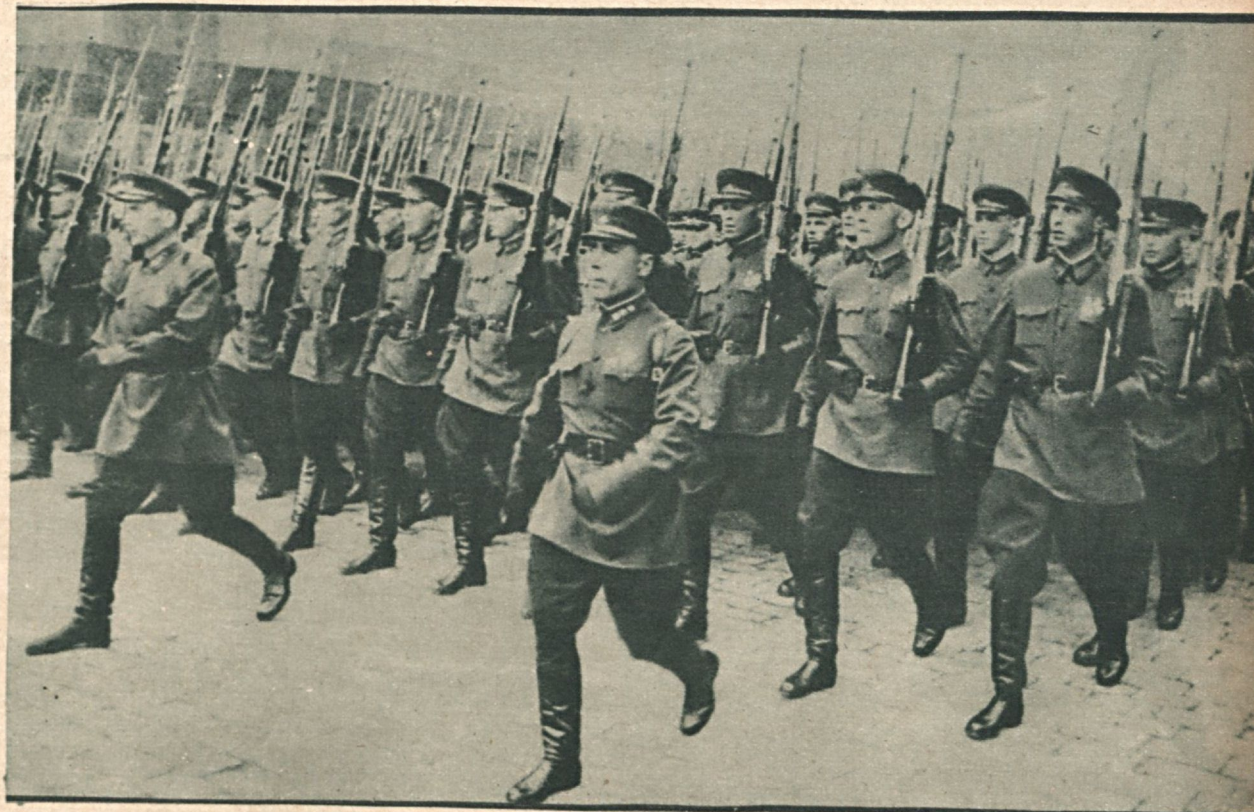
E quando se desce, no fim do itinerario, tem-se o direito de estar alegre pelo trabalho realizado

No espaço de uma viagem póde-se pôr em dia toda uma correspondencia

Nestas duas ultimas decadas, a aviação avançou tanto como a navegação maritima nos dois ultimos seculos. Hoje, viaja-se nos grandes aviões de carreira com tanta segurança e conforto como se viaja num transatlantico. Com a vantagem da rapidez e com menos probabilidades de enjoar... A bordo de uma dessas grandes naves aereas em que viajam duas, tres e até mais dezenas de passageiros, come-se, bebe-se, joga-se, ama-se e até se trabalha. Olhem as photographias que enfeitam estas paginas e digam lá se não se póde cuidar tranquilla e confortavelmente da vida, batendo á machina os seus artigos, a sua correspondencia e as suas contas, emquanto o avião engole kilometros e mais kilometros por segundo e lá embaixo se desenrolam os mais formosos panoramas que se podem desejar.

UMA ENCHENTE SEM PRECEDENTES — No centro commercial de Cincinnati, as aguas attingiram a mais de 20 pés de altura. Nunca se registrou tamanha enchente ali. O prefeito da cidade declarou-a em "estado de emergencia", falando-se que seria posta em vigor a lei marcial.

BOMBEIROS EM ACÇÃO — Os heroes de Cincinnati, nas recentes inundações, foram os bombeiros, que, numa extensão de tres milhas, arrostaram os maiores perigos, na defesa e protecção da cidade. Muitos edificios arderam, devido á explosão em depositos de gazolina e á ignição de fios electricos.

REI EM VISITA — Na vespera de seu anniversario natalicio (10 de Fevereiro), o rei do Egypto, que conta apenas 18 annos, effectuou a sua primeira visita de inspecção, indo até Tuna-el-Gazal. Acompanharam S. M. na excursão os seus Ministros de Estado.

UM RAID AEREO EM PERSPECTIVA — O filho de Mussolini, o joven Bruno (á direita), que é tenente-aviador, vae tentar, breve, um longo vôo sem escalas, num hydroplano ultra-potente. Constava, á ultima hora, que o percurso da travesia seria Roma-Atlantico Sul, via cabo da Boa Esperança.

PARADA MILITAR — Em 4 de Fevereiro, realisou-se em Moscou uma grande parada militar. Durante o desfile, pelas ruas, foi ovacionado, delirantemente, o nome do Ministro da Guerra, Sr. Vorosnhilov.

O MUNDO EM REVISTA

ENTRE DOIS FOGOS — Kazushioe Ugaki, governador da Coréa, encontra-se numa critica posição. O Ministerio da Guerra japonez annunciou que se oppõe terminantemente a que Ugaki forme qualquer gabinete. Se ousasse fazel-o, nenhum militar acceitaria a pasta da Guerra.

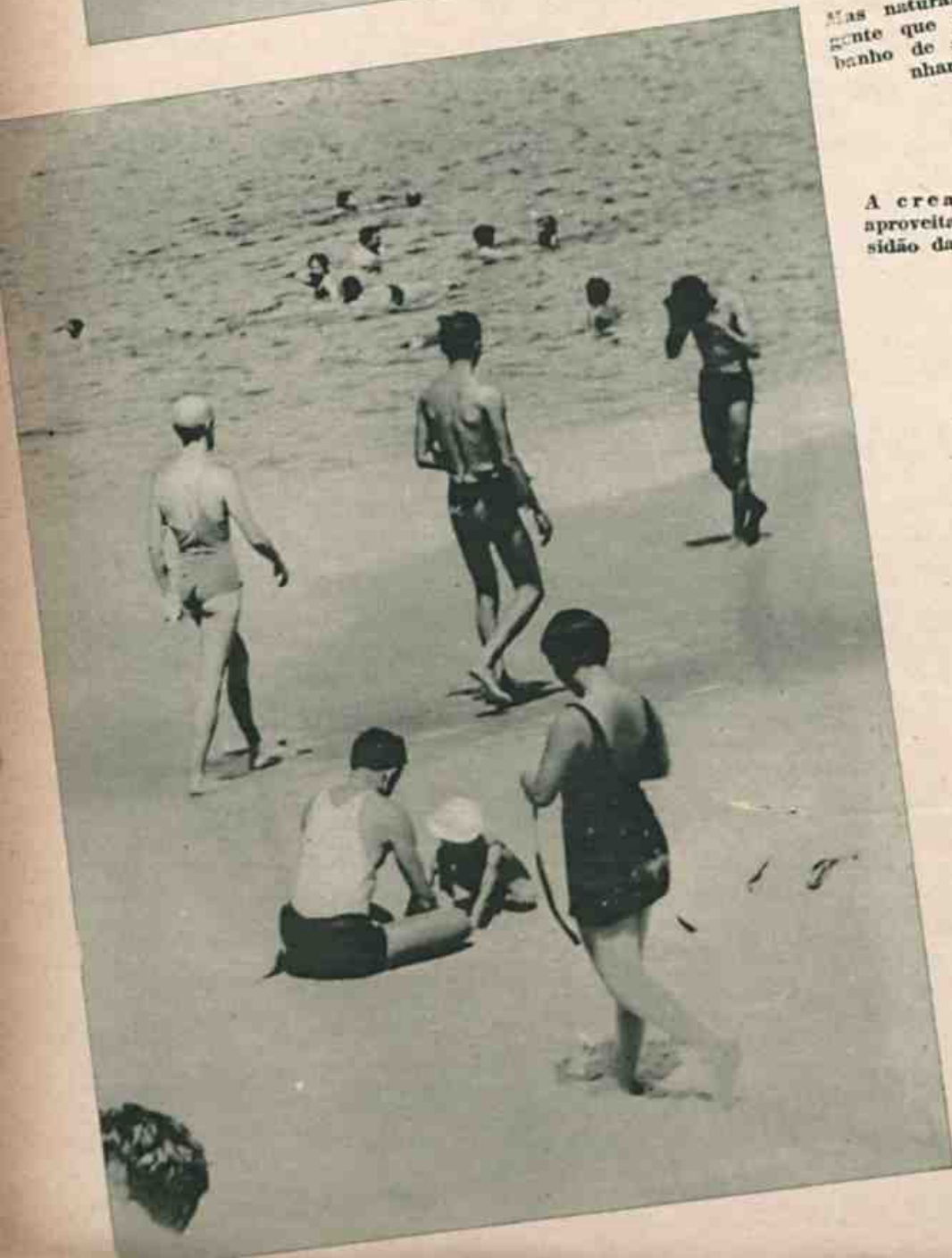
MANIFESTAÇÃO DE DESAGRADO — Muitas mulheres e meninos, pertencentes ás familias dos operarios da General Motors, foram vistos na manifestação de desagrado levada a effeito nos Estados Unidos pelos grevistas contra as autoridades militares e a Policia.

FORMAÇÃO DE UMA GRANDE EMPRESA — Os Srs. George Mason (á esquerda), presidente da Kelvinator Corporation, e Charles W. Nash, presidente da celebre fabrica de automoveis Nash, associaram-se, formando uma Sociedade, que passará a chamar-se "Nash-Kelvinator Co.", para fabrico de automoveis, machinas agricolas e refrigeradores.

ICARAHY, COPACABANA FLUMINENSE

Todos os dias pela manhã, a areia alva cobre-se de parasoes e enche-se de banhistas.

Mas naturalmente ha muita gente que prefere tomar um banho de sol, fazendo engenharia na areia.

Do outro lado da bahia, Icarahy disputa a Copacabana a palma da elegancia e animação.

A creançada aproveita a mansidão das aguas.

As horas correm, alegres e saudaveis, á beira mar, cujas ondas são mansas e acolhedoras.

OS RETRATOS DE FRANCISCO MANOEL DA SILVA

Francisco Manoel e suas enteadas. — quadro de Correia de Lima, datado de 1850 e considerado como o que provavelmente reproduz com fidelidade as feições do autor do Hymno Nacional.

No nosso povo a memoria dos grandes nomes é um dia breve. Cedo chegam o crepusculo e a morte, que são o esquecimento.

Nomes ha que se sepultaram sob densa nevoa ou são de longe lembrados inexpressivamente, deturpados ou diminuidos. As velhas civilisações que sempre puzeram as forças espirituaes que ficam acima das realizações materiaes transitorias, andam a exhumar os grandes homens que a fundiram no heroismo e na sabedoria, mostrando-nos de cada um os dissabores, os trabalhos, as tendencias e a obra com que se fixaram no tempo.

Entre nós os vultos desmedidos passam, se esbatem e se perdem na sombra do desinteresse commum. Poucos escapam á avalanche do desprezo e da negação, avultando na memoria do povo.

Que se conhece da vida atormentada de um Victor Meirelles, cheia de grandeza e de fascinio, de um Almeida Junior, "o mais brasileiro dos nossos pintores" no conceito do Sr. Flexa Ribeiro; de um Almeida Reis, o esculptor da *Parnahyba* e de tantos outros?

A memoria contemporanea vae crepusculando na distancia artistitas e escriptores que não tiveram espaço, que não podiam ficar emparedados em determinada épocha, porque acompanham o tempo na perpetua forma que plasmaram. E tem-se visto, quão proveitoso será para a geração nossa, o exemplo de vidas como as de Mauá, Floriano, Machado de Assis, Carlos Gomes, Santos Dumont e João Caetano.

Francisco Manoel da Silva autor do Hymno Nacional, vivia tambem adormecido no passado. Por vezes negava-se-lhe todo o trabalho creador, até mesmo do que lhe dá gloria difinitiva.

— O Hymno da Patria não foi feito pelo grande discipulo de José Mauricio! — dizia-se.

O Sr. Agostinho de Almeida, que além de tudo é tambem carioca como Francisco Manoel da Silva, tomou a peito tirar o compositor do esquecimento e mostrar que elle fez não só o Hymno Nacional, como numerosas peças de genero religioso e profano. E fez mais; fundou uma sociedade glorificadora de sua memoria. Do seu trabalho tão exhaustivo como patriotico e do qual surgirá obra completa sobre o illustre brasileiro, nasceu uma interessante inquirição: parecem-se com o original os retratos conhecidos de Francisco Manoel da Silva? Qual delles, assignados por desenhistas, pintores e esculptores de nomeada, fixa melhor a physionomia do compositor?

José Correia de Lima, Chaves Pinheiro, Luiz Boulanger, Bernardelli, Carlos Osvald, Guttman Bicho e outros fizeram Francisco Manoel da Silva

José Correia de Lima, successor de Debret na Academia e fallecido em 1857, fixou-o em 1850 ao lado de duas enteadas, uma sentada ao piano e outra de pé e que são as senhoras Maria Pertence e Henriqueta Arêas (Baroneza de Ourém), eximia cantora.

Francisco Manoel, pintado por Boulanger.

O quadro foi offerecido ao glorioso maestro que o deixou em testamento para a senhora Baroneza de Ourém, como "quadro de familia". Annos depois, em 1901, o Sr. Dr. Samuel Pertence offerecia-o á Escola Nacional de Bellas Artes. A Sra. Maria Pertence foi a primeira mulher a aprender harpa no Brasil, com o professor Tronconi, segundo a informação do illustre critico musical, Maestro Oscar Guanabarino, recentemente fallecido.

Retrato do grande compositor patricio, existente no Museu Historico.

Evidentemente, Correia de Lima só teria feito o quadro do natural. Nelle as senhoras e Francisco Manoel apparecem com a edade que deviam ter na época.

Antes de Correia de Lima, quem fixa o autor do Hymno Nacioonal é Luiz Boulanger, apparecendo o retrato numa lithographia feita em 1844 pela casa Heaton & Rensburg, na antiga rua da Ajuda n. 68.

Chaves Pinheiro, tambem carioca, discipulo de Marcos Ferraz, tirou a mascara de Francisco Manoel e por ella sete annos depois (1879), fez o busto que está no Instituto Nacional de Musica. Foi pelo busto que o festejado pintor Carlos Osvaldo fez uma aguaforte representando Francisco Manoel. Acontece, porém, que a mascara já quasi nada mostrava do compositor, dada a molestia que o transfigurava e o matára. A physionomia não era mais de Francisco Manoel.

Atravéz do de Correia de Lima, o quadro de Henrique Bernardelli nem se quer se parece com o modelo do pintor. No Museu Historico e no Lyceu de Artes e Officios ha tambem quadros reproduzindo Francisco Manoel, executados por artistas desconhecidos, em vista da falha de datas e assignaturas, mas que indicam ser copias do quadro existente na escola Nacional de Bellas Artes.

O Sr. Agostinho de Almeida, mandou copiar pelo laureado retratista Guttman Bicho o retrato do maestro, segundo está no quadro de Correia de Lima, offerecendo-o ao vespertino "A Noite" afim de lhe ser dada collocação condigna, o qual foi recentemente inaugurado na sala L n. 17 do Instituto Nacional de Musica, e que ostenta o nome do autor do Hymno Nacional.

De maneira que nem todos os retratos de Francisco Manoel traduzem fielmente a sua physionomia, parecendo que fieis são apenas o de Correia de Lima, na Escola de Bellas Artes e de Boulanger, que está na secção de estampas da Bibliotheca Nacional, o de Futtman Bicho que reproduz o de successor de Debret na Academia e os dos dois artistas desconhecidos que se inspiraram no mesmo modelo deste ultimo.

O caso não deixa de ser curioso e de despertar a attenção dos estudiosos das nossas coisas de arte e de historia, tanto mais quando ha quem affirme que nem mesmo o retrato de Correia de Lima revela precisa e impeccavelmente a expressão physionomica do autor do Hymno Nacional, na época em que foi pintado.

CARLOS RUBENS

Reproducção photographica existente no salão de musica do Corpo de Bombeiros desta Capital.

PARA A GALERIA DOS "FANS"

Patrick Knowles é inglez, nasceu em Yorkshire no dia 11 de Novembro de 1911. Tinha, em criança, horror á escola. Aos 18 annos rumou para Londres e ingressou em uma companhia de comedia fazendo papeis insignificantes. Depressa ascendeu e alcançou notoriedade. O filme atraiu-o e fez-se artista da Warner, nos studios de Paddington, Inglaterra. Suas performances foram julgadas excellentes e a Warner levou-o para Hollywood onde alcançou exito absoluto ao lado de Kay Francis em " Dá-me teu coração " que veremos breve

O cinema possue suas bellezas classicas: é o caso de Anita Louise, filha de New York e a quem o palco se tornou familiar desde a idade de seis annos. Foi educada na Professional Children's School e especializou-se no estudo da musica. E' bonita devéras, no film e fóra delle e gosta da vida ao ar livre

CARNAVAL NA BAHIA

Na "bôa terra" os festejos carnavalescos empolgam a opinião publica, mercê da cordeal rivalidade que existe entre as grandes e tradicionaes sociedades que se entre-

Um bonito grupo de egypcias que figuraram no carro de "Cleopatra".

Senhorinha Antonietta Pereira, phantasiada de "Cleopatra", como figurou no prestito do "Cruz Vermelha"

Senhorinha Sylvia Sampaio Araujo, academica de Direito, "rainha" do Carnaval e porta-estandarte do "C. C. Cruz Vermelha".

"Cossacos" — lindas senhorinhas que compuzeram a Commissão de Frente do prestito.

Guarda infantil de "hussards".

disputam a primazia nos folguedos.

Este anno, a festa de Momo esteve esplendida e ainda foi o prestigioso club "Cruz Vermelha" o detentor do titulo de campeão do Carnaval, apresentando carros allegoricos e um conjuncto maravilhoso, como se póde vêr pela documentação photographica que aqui divulgamos.

"Pagode chinez" um dos carros allegoricos.

Outro carro allegorico

O carro chefe, conduzindo a Rainha do Carnaval e o estandarte do "C. C. Cruz Vermelha".

PROFESSOR LEONIDIO RIBEIRO — das Faculdades de Direito e Medicina da Universidade do Rio de Janeiro, laureado com o "Premio Lombroso" de 1933, na Italia, e que vae á Europa convidado pelo Instituto Luso-Brasileiro para realizar conferencias nas Universidades de Lisboa, Porto e Coimbra. O professor Leonidio Ribeiro irá tambem a Roma e a Paris tomar parte em dois congressos de criminologia e policia scientifica, nos quaes apresentará seus trabalhos pessoaes.

EM VISITA A A. B. I. — Aspecto da visita da Missão Commercial Hollandeza á séde da Associação Brasileira de Imprensa.

FEDERAÇÃO TACHYGRAPHICA BRASILEIRA — Realisou-se em S. Paulo o IV Concurso annual de Tachygraphia com que a Federação Tachygraphica Brasileira commemorou o seu 7.º anniverssario. Varias delegações se apresentaram para concorrer a esse certamen interessantissimo e tomar parte nas solemnidades que foram presididas pelo Prof. Oscar Diniz Magalhães, Director-Geral daquella prestigiosa organisação e um dos maiores tachygraphos que possuimos, o qual realisou uma conferencia: "A solidariedade entre os tachygraphos". Vemos aqui a representação de Campinas rodeando os directores-geraes e ao alto a mesa que presidiu os trabalhos.

Senhorinha Eunice Ribeiro, da nossa sociedade, filha do escriptor Domingos Ribeiro e de D. Hercilia Ribeiro, cujo casamento com o Snr. Socrates Gondim teve lugar no dia 6 do corrente, nesta capital

HOMENAGENS — Tendo transcorrido a 7 do corrente o anniverssario natalicio da escriptora e poetisa senhora Iveta Ribeiro, directora de "Brasil Feminino" e nome de alto destaque nas letras femininas do paiz, grande numero de suas admiradoras e amigas se reuniram em sua residencia, para cumprimental-a, notadamente as componentes do "Club das Victoria Regias" de que a anniverssariante é fundadora e presidente. Este aspecto é um flagrante daquella cordeal reunião.

A Velha Praça de Provincia

ALVARO DE LAS CASAS

(Da Academia Nacional de Bellas Artes de Madrid)

NO intimo da minha saudade, em Basiléa como em Antuerpia, em Berlim como nesta maravilhosa cidade de Rio de Janeiro, andam sempre, e outras vezes, como agora, as minhas velhas e socegadas praças da Hespanha; essas praças lentas e sombrias que Azorin descreveu tantas vezes, cheias sempre de passaros, de folhas murchas e de cantos de creanças; essas velhas praças olvidadas pelas quaes passou, um dia, o verbo louco de Alexandre Dumas, e, outro, a capa negra de Gautier, e, outro, a imaginação calida de Prosper Mérimée, e, outro, o sotaque cigano e a sobrecasaca londrina de Mr. Borrow.

Não têm a luz dourada da romana praça Navona, nem a graciosa architectura das praças flamengas, nem a pompa imperial das praças austriacas, nem a grandiosidade gigantesca do Terreiro do Paço lisboeta. Mas o silencio das nossas praças acaricia e beija, e é tão recatado, simples e ingenuo, que estremece de rubor e temor quando cahem sobre a sua pelle opaca as pancadas lentas dos sinos cathedralicios.

Em algumas destas praças, como as de Salamanca ou Medina del Campo ou aquella pequenita de Valladolid, onde foi justiçado o condestavel D. Alvaro de Luna, vive-se meia vida da Hespanha: autos da fé, torneios, grandes desfiles, entrevistas famosas, cortejos reaes, scenas de elevados amores, ceremonias de pazes assignaladas... Aqui foi recebido Carlos V quando desposou a imperatriz Isabel; acolá, a catholica magestade de Philippe III cortejava a sua dama; naquella outra, viveu refugiado Antonio Perez; mais adeante, eram as apaixonadas e mysteriosas entrevistas do conde de Villamediana...

Mas não são estas aindas as praças que mais estimo e mais me acodem á lembrança.

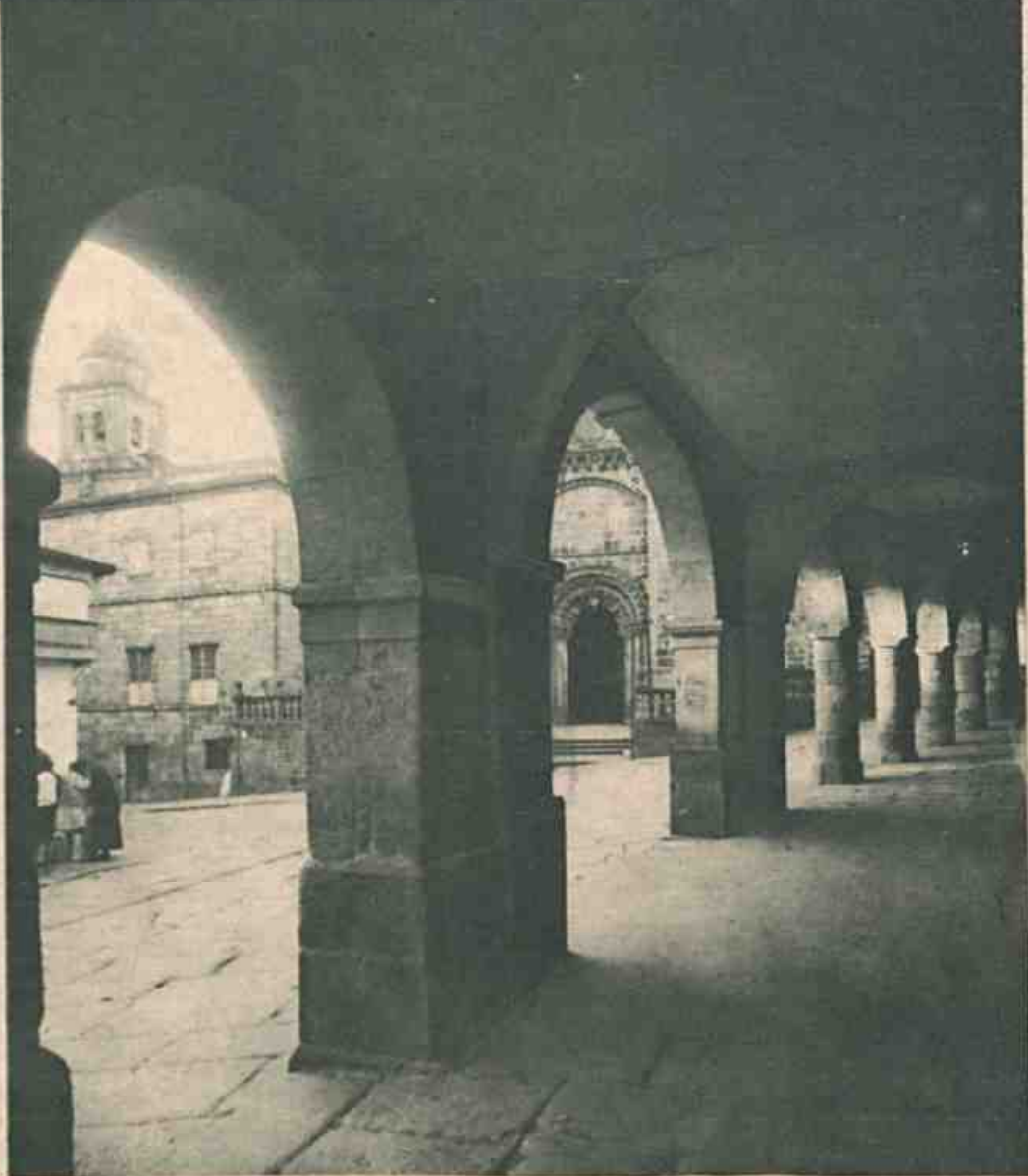
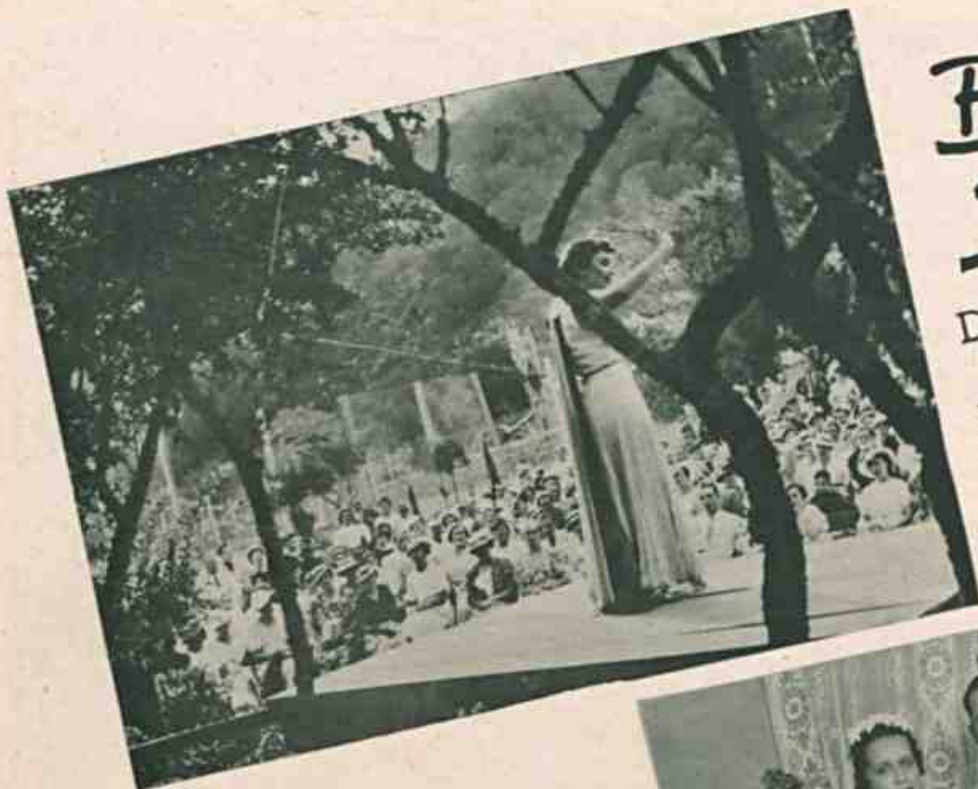
São essas outras como aquella do Trigo, da minha cidade natal. Primeiro, um campo com carvalhos velhos e pinheiros altos, pelo qual S. Martinho de Tours vae pregando a verdade de Christo, e depois se levanta uma ermida, e á ermida vem um ermitão que faz milagres, e á morte do ermitão todo o campo é romaria de muitos peregrinos do mundo. Vêm os mouros a golpes de alfanges e ao som dos tambores e arrasam-no todo, e depois um rei piedoso de Leão ou de Castella constroe, para desagravo, uma grande cathedral no mesmo sitio onde o ermitão fez o grande milagre de sobreviver; a cathedral serve de Castello as mais das vezes e todo este logar se vae empapando com sangue de cavalleiros de todas as linhagens que aqui resistem ou accommettem rivalidades mui diversas. Mais tarde, os nobres deixam a solidão dos seus palacios pelo monte, descem á cidade e constroem as suas casas fidalgas em volta do campo dos carvalhos mutilados que se torna praça com uma certa solemnidade. Correm os tempos, correm rumores de uma grande revolução em França, fala-se de liberdade, de burguezia, de Constituição, e pela praça, da casa de um fidalgo a outra passam embuçados os nobres com as suas pistolas de conspiradores: uns vão morrer pela soberania nacional e outros pelo legitimo desplantae de Philippe VII, uns por Narvaez e outros por Espartero. De noite, ouvem-se tiros, que ninguem sabe quem disparou, e pela madrugada apparecem pagens mortos, que ninguem sabe porque morreram. Todos os ares da Hespanha enchem-se de cheiro de guerra, todo o imperio colonial desfaz-se em pó de terras longinquas e desconhecidas, e pela praça cruzam com os seus morriões multicôres os soldados que partem para muito longe e que não hão de voltar jamais.

A praça entristeceu-se com tanta lucta e é toda cinzenta no severo governo da rainha-regente, a grã-archiduqueza d'Austria. Nos dias de gala passa o sr. Bispo dando bençãos entre acolytos impuberes e nas grandes festas o sr. General, que sahe do Te-Deum rodeado de officiaes marquezes; nos dias pequenos e monotonos da vida provinciana, toda tarde vão e vêm as senhoras nobres, que se fazem visitas para testemunhar amores e combinar matrimonios, e cada manhã coros de creanças cantam em romanzas tristes a desventura dos principes:

> **— Aonde vaes, Affonso XII,**
> **Aonde vaes triste de ti?**
> **— Vou em busca de Mercedes,**
> **que hontem á tarde perdi!**

Na cidade, já ha bairros industriaes, sociedades anonymas, campos de foot-ball, arranha-céos, grande hotel e uma longa avenida onde vivem os millionarios da guerra; onde não poderão viver nunca as grandes damas que ficaram arruinadas e ficam a aplacar o seu soffrimento junto á Cathedral, nas bellas casas antigas sem ascensor nem lareiras, cheias de cornucopias, gravuras, miniaturas e leques de tartarugas.

E já a praça chora, noite e dia, uma tristeza immensa, e envolve-a, dia e noite, um humido silencio sepulchral. Sómente, de quando em vez, passam os estudantes serenateiros, mas aqui se detêm apenas para afinar as guitarras e só se lhes ouvem umas notas soltas, anarchicas, tristes como uma adivinhação que não se verá nunca.

E a minha velha praça, com as suas historias, que não se contam em nenhuma historia, anda commigo por todos os caminhos do mundo, para que eu tenha sempre uma nobre casa arruinada onde possa viver tranquillo.

Berta Singermann

DECLAMA AO AR LIVRE

Bello instantaneo de um magnifico recital poetico, ao ar livre, que Berta Singerman acaba de offerecer nas serras de Cordoba, estação de veraneio na Argentina, e onde a notavel artista se encontra em férias.

Berta Singerman iniciará brevemente uma nova **tournée** artistica que principiará pelo Rio de Janeiro, no Theatro Municipal, em meiados de Abril proximo.

ENLACE Marina Mercedes Dantas-Dr. Sebastião Moreira Nunes, realisado, ha dias em Nictheroy.

O PHAROL DE COLOMBO — Aspecto da visita de Monsenhor Ricardo Pittini, da Republica de São Domingos, á séde da Associação Brasileira de Imprensa, onde foi expor os planos para a execução do grande pharol de Colombo.

DO CARNAVAL QUE PASSOU

O apreciado bailarino Jorge Sivert, do elenco do Theatro Municipal, em sua phantasia de palhaço, rnido... para não chorar, segundo a legenda original.

CURSO GUANABARA — Aspecto da homenagem aos Directores do Curso Guanabara levada a effeito pelos bacharelandos e alumnos d'esse conceituado estabelecimento de ensino.

OS ENGRAXADORES

Engraxar sapatos, sentado, é luxo moderno.

A gente hoje repara a poeira na botina ou no sapatão, sobe a um estrado, em galeria movimentada ou coredor sombrio, accommoda-se numa poltrona, colloca amos pés em dois descansos apropriados, encontra ao lado uma revista illustrada ou um jornal do dia, e espera assim que o trabalho de lustração se conclua.

E' uma tregua á actividade do ganhapão, um allivio para a fadiga das pernas e uma filançazinha de leitura.

Os cinco minutos do engraxamento passam depressa. Quando menos se pensa, porque se estivera engolphado nas noticias das folhas ou na contemplação das transeuntes, o engraxate bate com a escova no estrado e tratamos de pagar-lhe o cruzado para ir embora, todo vaidoso do calçado espelhante.

Antigamente... No velho Recife, como era differente tudo isso! Os engraxadores, todos elles italianos, moradores lá para as bandas dos Coêlhos, faziam ponto pelas margens das calçadas, nos locaes mais frequentados da cidade. Esquinas das ruas do Imperador com Crespo, Imperatriz com Hospicio, Cabugá com a praça da Independencia e outras muitas. Trajavam habitualmente calças velhas de casemira e colletes. Punham a pequena caixa onde traziam o material de trabalho, sobre o passeio, e elles se sentavam em uns banquinhos tôscos e baixos. Ali exerciam seu mister, e quando o negocio corria frouxo, convidavam aos que passavam, lembrando-lhes a sujeira dos sapatos, batendo com o dorso das escovas nas caixas e gritando: — Graxa, freguez... amarella!

O freguez parava, punha um pé no molde de madeira e ficava com outro apoiado na calçada. Quando um sapato ficava prompto, invertia-se a posição dos pés. Era uma situação incommoda, forçada, ridicula. Por vezes, com um empurrão, um mau geito, o equilibrio ameaçava romper-se e o paciente cambaleava, fazia uma pirueta vexatoria... Isso em plena rua Nova, imagine-se!

Nada mais comico do que um cidadão de fraque bem talhado pelo Falho, de cartola luzidia comprada no Adolpho, de botinas Bostock das finas da Sapataria Barros, naquella attitude grotesca, a engraxar o calçado.

Nem cadeira para se sentar, nem jornal para lêr, como hoje. Por muito favor a algaravia, a conversa macarronica do engraxador, discutindo a guerra do Transwal, a vaccina obrigatoria, o balão do Zé da Luz ou a moda das saias-amarradas.

Quando não tagarellavam, os engraxates daquelle tempo, faziam o serviço assoviando trechos de operas, canções napolitanas ou mesmo modinhas brasileiras. Lá sahia o Miserere do Trovador, a Torna a Surriento, o Perdão Emilia. Quasi todo mundo tinha seu engraxate habitual, seu freguez. E, ás vezes, eram mesmo bons camaradas, servindo até de "onze letras", para as noticias das pequenas que moravam por perto.

A lustração do calçado, fôsse um par de botinas de elastico ou de Walk Over de 30$000 o par, verdadeiro escandalo na época, servia tambem de pretexto para os namorados demorarem uns minutos defronte das casas de suas "deusas", sem dar muito na vista dos transeuntes. Principalmente nas ruas de sobrados. A menina la em cima, na varanda, e o coió, cá em baixo, disfarçando, correndo os olhos pelo alto, como quem aprecia fachadas, e com o pé espeçado na caixa de madeira do engraxate.

Que deliciosos momentos aquelles!

E, ainda, como quebra de gostoso, pagava-se apenas um tostão.

MARIO SETTE

ZÉ PINOIA

JOÃO BUSSILI

CHAMAVAM-NO Zé Pinoia.

José Panaio era o seu nome, mas ninguem o conhecia sinão por Zé Pinoia. Por que?

Porque era um camarada errado na vida. Por mais que fizesse, por mais que trabalhasse, lutasse, procurasse se impor, jámais conseguia cousa alguma. Falhava sempre.

Havia uma promoçãozinha na fabrica? José Panaio era o preterido. Havia uma greve para o augmento do salario? José Panaio era o unico que relutava ao convite dos companheiros. Era tambem o unico a ser despedido quando os operarios, satisfeitos ou não nas suas pretenções, voltavam ao trabalho.

Certa vez, os companheiros de trabalho se quotizaram para comprar um "inteiro" da loteria. José Panaio, aferrado ao magrissimo salario, foi o unico a não entrar. E o bilhete sahiu premiado.

Foi nessa occasião, ao regressar a casa, que sua esposa, a boa Concetta, não aguentando mais, rompeu os queixumes.

— Arre que você é mesmo um Zé Pinoia! Onde já se viu não entrar no bilhete? Fosse numa greve pr'a ir pr'o olho da rua, você seria o primeiro! Será "impossive" que você não acerta a mão? Puxa que já estou cansada!

— Não é pr'a tanto, mulher... Entrei errado na vida... Se sou pesado que quer você que eu faça? Sou um caipora muito grande, ahi está!

— Você é um Zé Pinoia, isso sim!

— José Panaio, se faz favor...

— Panaio... Panaio... Panaio uma Pinoia, ouviu?

As creanças ouviram. Os visinhos, idem. As comadres, ibidem.

E ahi temos o por que do Zé Pinoia.

Dias após o caso do bilhete, e por causa disso mesmo, Panaio deixou o emprego. Entrou a trabalhar num circo. Uma semana depois o circo foi levar a alegria a outra parte e Panaio ficou. Entrou como indicador num cinema. Mudaram a gerencia, o gerente collocou os conhecidos. Panaio na rua.

Foi morar numa villa. Dona Concetta multiplicava os sururús.

Arranjou emprego numa confeitaria. Um mez depois, porque um doce daquella casa causasse uma indigestão a um diabetico, o Serviço Sanitario fechou a confeitaria multando-a. Zé Pinoia ficou sem o emprego e sem o ordenado já ganho.

Dona Concetta foi ás nuvens! Alugou a sala da frente e passou a morar num quarto.

As comadres cortavam...

Os filhos cresciam...

E "seu" Mané da venda, louco atraz do Pinoia!

Mas um dia... Sim um dia, o senhor José Panaio arranjou um emprego. Numa mechanica. Parecia bom. Devia ser... Oitocentão por hora. Mas trabalhava dez horas... Logo, eram oito paus por dia. Já dava...

E dava mesmo. O diabo eram as dividas, os pequenos na escola...

Puxa! Tambem, eram quatro...

Mas dona Concetta já o recebia bem quando voltava do trabalho, contava-lhe da vizinhança e das comadres, os filhos montavam-lhe ás costas, puxavam-lhe os cabellos, as orelhas, esmagavam-lhe o nariz, até que o senhor Panaio dava um berro e os garotos corriam pr'a rua.

— Eta guryzada damnada! — E sorria feliz.

* * *

Naquelle dia Zé Pinoia não encontrava socego. Sonhára que, deitado num leito de ouro, ao lado de uma loira princeza das terras exoticas da Arabia, vira um gato, depois outro, mais outro, e logo um numero incontavel de gatos roçavam-lhe as pernas, o rosto, as mãos, mordiscavam-lhe as orelhas, faziam-lhe cocegas nos pés, até que, á semelhança dos athletas do circo em que trabalhára, todos os bichanos fizeram uma pyramide, e no alto, cinco bellissimos angorás se contorcendo e equilibrando, formaram o numero dezoito mil seiscentos e cincoenta e quatro. 18654...

E o angorá preto, mestre de cerimonias e athleetismo, olhava para Zé Pinoia, sorria-lhe como só os gatos sabem sorrir, piscava-lhe os olhos brejeiros com grande donaire e acenava-lhe, no fundo escuro da alcova, os bichanos branco de neve que se mantinham sobre a pyramide de gatos, formando o 18654...

Zé Pinoia batia o martello, carregava os canos, cortava as chapas, ajudava na fundição, executava ordens, sorria distrahido ao trocar a ferramenta, aguentava pitos, mas não esquecia o numero que lhe dançava constantemente na retina dos olhos já cansados de scismar. Quando saltára da cama, logo ao clarear do dia, estava resolvido. Pedira cincoenta mil reis adeantados ao chefe e compraria o bilhete. Inteirinho, está claro...

E se não désse?

Zé Pinoia hesitava. Peço? Não peço? E se der? E se não der?

Martelou o dedo. Ia soltar uma praga quando viu, vindo sabe Deus de onde, um enorme gato preto que, assustado, procurava sahir dali.

Carambe! Como se parecia com o "outro"...

Olhou-o bem. O gato tambem o encarou. E, talvez admirado da cara do Pinoia, cumprimentou-o na sua linguagem que todos nós conhemos e não entendemos.

— Miau!!! E deitou a correr assustado por um moleque ajudante. Pinoia resolveu-se. Largou o martelo e marchou firme para o escriptorio.

— "Seu" Alberto eu preciso lhe falar...

— Pois, não! Que ha?

— ...

— Vamos, homem, diga! São horas de trabalho, o senhor vem aqui, e...

— Eu preciso de cincoenta mil reis...

— Cincoenta mil reis? Pr'a que?

— Uái! Preciso...

— Mas nós pagamos por quinzena, não adeantamos... O senhor não conhece o regulamento?

— Meu filho está doente... O remedio... A pharmacia...

— Bem, bem, nós não adeantamos, é tudo.

— Então eu deixo o emprego.

— Póde deixar! Julga que nos faz falta? Já era nossa intenção dispensal-o! E julga ser um bom operario... O senhor é um Pinoia!

— Quero o meu dinheiro!

— Venha dia 20.

— Quero o meu dinheiro ou vou ao Ministerio do Trabalho. Acabaram-se os escravos!

"Seu" Alberto assomado, encarando o caixa:

— Pague esse homem antes que eu me perca!

* * *

Zé Pinoia correu todas as casas lotericas do bairro. Foi ao centro. Estava já desesperado quando ouviu, atraz de si, uma voz arrastada e dolente: "Corre hoje! E' o gato... 18654... E' o gato... Agarrou sofrego o bilhete. Era como queria. Inteirinho!

Ficou futingando no triangulo.

Apertando o bilhete no bolso da calça de brim pardo.

Olhando, guloso, as mulheres bonitas.

E os automoveis de luxo que passavam rapidos chiando no asphalto e assustando o simplorio distrahido. Uuúááá!!!

Amanhã, elle tambem, teria "isso tudo"...

Veiu descendo para o Braz. Passo apressado. Esqueceu de tomar o bonde. Aven'da, rua Caetano Pinto, rua Visconde... prompto, estava em casa.

Dona Concetta espantou-se.

— Estava um pouco doente, não era nada...

— Vá deitar, homem, vá deitar...

Pinoia foi. A principio não podia dormir, mas por fim, cansado de tantas emoções, adormeceu profundamente.

Quando acordou estava suado, com um gosto ruim na bocca. Já estava escuro. Saltou da cama, olhou o relogio. Seis horas! Lembrou-se do bilhete.

Sahiu do quarto precipitadamente, mas reflectindo, chamou o filho mais velho e mandou-o que fosse ao chalet da esquina e lhe trouxesse, num papelzinho, o numero premiado na loteria. Não dissesse nada a mamãe... Deu-lhe um nickel.

Foi esperar o pequeno ao portão. Pouco depois vinha elle de volta.

Entregou-lhe, offegante pela carreira, o bilhete. Pinoia olhou-o, leu-o, esfregou os olhos, tornou a olhar, e apoiou-se no portão para não cahir. De subito porém, pegando entre as mãos callosas e rudes o rosto miudo do filho beijou-o na bocca e deitou a correr para casa, gritando quasi louco:

— Conce...ta!

E a mulher que, assustada, acorrera com a vizinha.

— Ga... ga... ganhei mil contos!

E antes mesmo que a mulher voltasse a si, Pinoia exhibia o bilhete aos visinhos.

* * *

Algumas horas depois, a casa do senhor José Panaio estava repeta de gente.

Vizinhos e amigos. Parentes. Até o cunhado Chico que ha cinco annos não apparecia, lá estava elogiando, a conhecidos e desconhecidos, o seu querido cunhado José Paiaio...

Panaio, coitado, a cada visita que entrava, tinha de contar o sonho e o episodio da fabrica.

Dona Concetta babava-se...

"Seu" Mané da venda entrou com os empregados carregando caixões de cerveja e taboleiros de doces...

(Continúa na pag. 50)

NAGÔS e GUAYAMÚS

MAURO DE ALMEIDA

Astros de grande projeção e a escumilha de prata, ou melhor, a nebulosa de méros satelites. Alguns destes, como a gralha da fabula, tentaram de solapar a gloria daquelles. Foi esse o bôjo estellar da capoeiragem do Rio de ha quasi meio seculo passado, convindo esclarecer-se que o vocabulo gloria está aqui empregado não num sentido de transcendencia. Uma gloria —, digamos, — como entendiam os individuos que melhor sabiam applicar em outros, depois de certos meneios de corpo, o "rabo de arraia", a "côcada" ou a "chibata".

Obedeçamos por conseguinte, a Lei sabia do relativismo. Atemo-nos a ella. E, assim, sem sombra de desdouro para os que attingiram aos cumes da invulgaridade em sectores outros, condignos, não nos constrangiremos assegurando que no da chamada capoeiragem, notadamente nos ultimos annos da agonia do Imperio, tivemos dos mais notaveis, quer — na respectiva dualidade dos partidos — entre os que se diziam "nagôs", como entre os "guayamús".

Deodoro da Fonseca, typo padrão do soldado — ao que hoje se diz ainda — não conhecia talvez, nem mesmo de nome, a pessoa que lhe indicaram como o mais capaz de occupar o cargo de Chefe de Policia do seu governo. Conhecia bem a caserna, mas andava — não por culpa sua, um tanto ás escuras com relação aos paizanos a que a maioria da tropa chamava pejorativamente de "propagandistas de casaca". O velho soldado teria arregalado os olhos quando lhe falaram, com insistencia, no Dr. Sampaio Ferraz.

— Mas, afinal, quem é esse Dr. Sampaio Ferraz?

— E' a "pessoa" para o logar, Marechal.

— Para Chefe de Policia? Olhem lá! Eu preciso é de um homem energico. Capaz de acabar com essa capoeiragem que anda por ahi e que é uma vergonha!

— Pois elle é esse "homem"!

E foi, nem tirar nem por. Sobretudo, porque, não descendo á matulagem — e obvio é dizel-o, — que chegava a apavorar a população com os seus renhidos encontros, o novo Chefe de Policia era, no entanto, tão bom capoeira como qualquer dos melhores "guayamús" ou "nagôs".

E das pessoas de boa sociedade não era só o Dr. Sampaio Ferraz que se fazia respeitar dando uma cabeçada ou um "rabo de arraia". Havia muita gente que poderia mesmo dar lições! Que sabia até em quantos "tempos" dividia-se uma "presa" de capoeiragem porque esta tinha escola. Tal qual como tem hoje a luta livre, o "jiu-jitsu", o "box", etc.

Se o Dr. Sampaio Ferraz conseguiu, realmente, acabar com a capoeiragem, entre nós, não poude impedir, porém, que por muito tempo fossem ainda lembrados, pelos muitos que lhes conheciam as façanhas, alguns "nagôs" e "guayamús" famosos. Pelo menos, os mais valentes. Dos primeiros, o Juca Dondon, o Leite Alves e o Diogo, um pretinho de geito diplomata, que foi expulso para Portugal, juntamente com Elysio José dos Reis, este filho do Visconde do Mattosinhos. Dos segundos, o Tobias de Santa Rita, o Quebra-Junco, que era um pretinho franzino, o Vicente Jamegão, o Gaudencio do Arsenal de Marinha e o Bahiano da média. E dos dois bandos, talvez ainda muito outros...

* * *

Mas, por que "nagôs". Por que "guayamús"?

Os segundos eram assim chamados por serem capoeiras de "beira d'agua". O "guayamú", como se sabe é um especimen de caranguejo. E ahi está explicado a alcunha, como não é nada difficil explicar-se a outra, a dos seus rivaes, erradamente tratados de "nagôs", que não significava coisa alguma. A origem da palavra "nagôa" é africana, como africana é a base da nossa capoeiragem, praticada aqui em principio pelos negros da Africa, pittorescamente chamados, então, os do Rio, de "negros do ganho" e os de Nictheroy, nesse tempo ainda provincia do Rio de Janeiro, de "negros do Vallongo".

* *

E foi entre bandos desses africanos que no dia 13 de Agosto de 1885, deu-se um encontro terrivel. Tinham surgido intrigas varias, até que chegou a noticia, lá pelo Vallongo, da então provincia, de que os africanos do Rio não os deixariam passar pela Lapa, em caminho do morro da Gloria, onde se fazia com grande brilho, a festa da Santa.

Um homem riquissimo da Lapa, o "Manoel Farinheiro", que foi tambem um valente capoeira, tinha varios africanos "nagôs" ao seu serviço. Apostou nestes alguns contos de réis, vestiu-os de camisa e calças brancas, pondo-lhes um gôrro vermelho mandou-lhes esperar os rivaes já na altura da rua Primeiro de Março, sob a arcada do Paço, que ainda ali se via.

Os negros do Vallongo, que desembarcaram tambem de camisa e calças brancas, porém, de barrête verde, logo que souberam que os outros os esperavam, dirigiram-se sem demora, ao encontro dos mesmos. E na luta terrivel vieram os dois bandos desde a rua Primeiro de Março até a Lapa, onde o "Manoel Farinheiro" deixara ficar um reforço. Este sahiu em campo, mas, apanhou tambem! E os pretos do Vallongo, que eram os "guayamús" seguiram triumphalmente para a Gloria!

* * *

"Nagôs" ou "guayamús", entretanto, não foram sómente os "negros do ganho" ou os da patuléa, se assim o quizerem. A capoeiragem, afinal, não era monopolio nem rotulagem de malandros. Como os desoccupados e desordeiros de cartel, praticava-a tambem, quando se tornava necessario, muita gente fina, sem que disso fizesse officio ou que evocasse "carta de valente". Nas classes armadas, na advocacia, no commercio, no belletrismo, em todos os ramos, emfim, estavam os "valetes" da rasteira ou da cabeçada. E não se diminuia por isso, como se não diminue ainda hoje, a memoria de nenhum delles!

Porque não dizer a verdade? Na Armada entre outros, estavam os 1.° tenentes Faria, Sampaio e Marceiro, que chegaram, depois, aos postos mais altos. Aos galões de Coronel e prototypo de commandante exemplar, chegou quem conheceramos ainda como o bulhento sargento Santa Anna Barros. No 2.° Batalhão de Infantaria, chamado o "Dois de Ouro", viam-se o capitão Mello e os alferes Bueno e Neves. E porque não nos lembrarmos tambem do grande escriptor que foi Coelho Netto, do poeta Luiz Murat e do querido advogado Alberto de Carvalho?

Se até no clero tivemos capoeiras famosos! Exemplo. Os Conegos Batalha e Verezer, bem como o padre Corrica foram "nagôs" e dos valentes. E como outros muitos não deixaram por isso, qualquer mancha sobre a sua memoria...

ACTO DE FÉ

Senhor emfim meu coração deponho
a vossos pés . . . Eu vol-o trago, emfim,
não desolado, pávido, tristonho,
mas integrado fortemente em mim.

E eu, que, atravéz de todo o humano sonho.
alguma cousa mais buscando vim,
em vós agora, em vosso amor, supponho
ter encontrado o necessário fim.

Abri-me as portas d'ouro da esperança;
acolhei-me na paz de vossa luz;
pois afinal meu coração descansa,

tão docemente como não suppús,
na alegria serena, ingénua e mansa,
de pertencer, apenas, a Jesus.

PASSOS CABRAL

SÃO PAULO

São Paulo !
Que é humilde na ventura e altivo na desgraça,
(Bençam do céo na gloria do Baptismo!),
Transfigura a crença e a lingua, o genio e a raça,
Nas sciencias, nas letras, nas artes, no heroismo.

São Paulo !
Tumulo dos jesuitas e berço dos bandeirantes,
Que vencendo os sertões, as féras, e as tempestades,
Sob os estandartes da cruz aos ventos trapejantes,
Plantaram villas e aldeias, freguezias e cidades.

São Paulo !
Poema triumphal dos cafesaes em flor,
Rythmando a riqueza, a fortuna, e o esplendor,
Do teu povo,
Creando um novo mundo dentro do mundo novo.

São Paulo !
Onde o homem é um symbolo e a mulher é uma [epopéa
Que Deus abençoa e a historia immortalisa
Sonha e canta, ama e reza, consagra e sublimisa
Na communhão do lar a hostia branca da Idéa.

São Paulo !
Escola e templo, claustro e lyra, fabrica e officina
Do trabalho que é sangue e do ideal que é belleza;
Onde o bosque e a flor, a fonte e o rio, a ave e a [campina,
São orações de amor na vôz da natureza.

São Paulo !
Que ouviu o grito de Independencia ou Morte,
Propagou a Republica e aboliu a escravidão
Que abate o fraco, opprime o justo, e humilha o [forte,
Nas trevas da anarchia é o sol da Redempção.

São Paulo !
Quando na hora gelada da agonia,
Boca sem vóz, labios sem riso, olhar sem brilho,
Minh'alma voar a Deus nas azas da poesia,
Eu correrei feliz por ser teu filho.

LAURINDO DE BRITO

(Da Academia de Sciencias
e Letras de São Paulo)

AS CIGARRAS

A Olegario Marianno

Em cantigas estridulas, bizarras,
Em vibrantes, sonóras algazzaras,
Fazem-se ouvir as lyricas cigarras,
Na gloria luminosa do Verão !

E, porque amam o sol ardentemente,
O dia todo, á luz dourada e quente,
Não cessam de cantar, alegremente,
Numa perenne glorificação !

Eu sou como a cigarra cantadeira :
Quero passar cantando a vida inteira,
Para esquecer as lagrimas e os ais.

E de cantar só deixarei, por certo,
Quando, do extremo instante já bem perto,
Não restem forças para cantar mais . . .

MANOEL MOREYRA

Fantasia.

Simplicidade.

Aquella — é traço preponderante no que os costureiros indicam.

Tambem a singeleza faz parte dos dogmas da elegancia.

Quer dizer que a Moda, em sendo varia, é para todos os typos, póde ser usada segundo o capricho e o gosto de variar, ambos tão eminentemente femininos...

Eis porque esta pagina apresenta modelos de encantadora simplicidade.

Chamo a attenção das leitoras para os chapéos tambem aqui impressos

Originaes de feitio, indicam a nova tendencia da Moda em tal especie de accessorio da "toilette".

SORCIÈRE

Bonito traje de "drap" de seda branco perola.

Vestido genero esporte, talhado em peau d'ange amarélo pinto novo, botões e cinto de camurça côr de pinhão.

"Ensemble" composto de saia de velludo verde escuro, casaco de crêpe pelica amarélo enxôfre.

Sapatos esporte.

Vestido de crêpe fôsco rôxo azulado.

JOSEPHINE HUTCHINSON — "star" da R. K. O. — Veste, para de noite, tafetá preto guarnecido de organza estampado.

MARLENE ostentará em "O Jardim de Allah" este bonito vestido de setim luminoso branco, cinto de rubis.

COMO VESTEM AS "ESTRELLAS" DO CINEMA

Para de noite é graciosa uma capa e capuz de "lamé" — segundo este modelo de MARLENE.

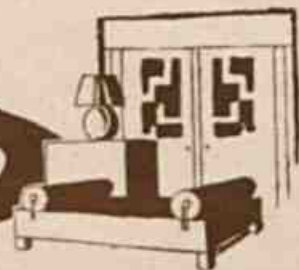
BLUSAS

De tafetá com listras de setim

De "lamé" azul

DECORAÇÃO DA CASA

Bergere no estylo Luiz XV

SALA - STUDIO — Moveis de madeira escura. O "bar" é formado por uma perna de elephante, e a poltrona leva estôfo de couro de zebú.

DE TUDO UM POUCO

FOLHAS SOLTAS

HUMBERTO DE CAMPOS

Ingratidão

Jamais digas, nos dias de ventura,
Que de outro coração tua alma é dona
Se elle, acaso, de rastros, te procura.
— Lembra-te sempre que, na noite escura,
Até a tua sombra te abandona...

A vibora

Iamos indo pela mesma estrada
Quando viste, na areia, enrodilhada,
Uma serpe, que vinha pelo chão.

E estremeceste. A vibora, enroscada,
Tomara a forma do teu coração.

Sonho

A' luz da lua, que nos vê da altura
Espalhando perdão pelos espaços,
Vens a mim, palpitante, os olhos baços,
Dando-me a bocca pequenina e pura...

E acordei, meu amor, ferindo os braços
Na roseira da tua sepultura!

COISAS DE CINEMA

Quanto dariam, leitoras, para escovar o cabello de Gary Cooper? Eis a tarefa de Mary Ann Jones, cabelleireira da Paramount, a qual escovou os cabellos desse astro cincoenta vezes por dia, durante a filmagem da producção de C. B. de Mille — "The Plainsman". Cooper faz o papel de "Wild Bill Hichok", e á maneira dos "scouts" indianos, usa o cabello comprido, de maneira que seus inimigos tenham tanta probabilidade de ter seu craneo como elle o delles!

* *

Durante quasi dois annos o trabalho nos studios e outros obstaculos contribuiram para impedir que Myrna Loy se casasse com Arthur Hornblow Jr., productor da M. G. M. Finalmente casaram. Qual não foi o desapontamento da artista ao saber que tinha de partir mais uma vez para as montanhas, afim de filmar algumas scenas com William Powell, da producção intitulada "Libeled Lady". Myrna não estragou a lua de mel: levou o marido!

* *

De Hollywood: William Shakespeare póde ser o nome do famoso autor de "Romeu e Julieta", recentemente filmada, e de "Sonho de uma noite de verão", mas na R. K. O. Radio, é o nome de um artista designado para um papel em "The Big Game"...

* *

Total dos galãs para o novo film de Mae West: (Paramount): Oito! O camarim tem o n. 16, duas vezes 8, e, augmentando a curiosidade da coincidencia, o numero do telephone e da licença do automovel, derivados de 8 tambem...

O L H O S

ALGUMAS PALAVRAS DE MAX FACTOR

...Falemos das chamadas "janellas d'alma". Os olhos cansados e desconsolados são, em geral, assim, pela flacidez das palpebras e as olheiras acompanham quasi sempre tal fraqueza de tecidos. Se um augmento nas horas de somno não consegue afastar as manchas escuras, deverão ser clareadas. Os musculos á volta dos olhos serão fortalecidos com o uso constante de optimo creme nutritivo.

Um truc para o "make-up" dos olhos: sublinhal-os ligeiramente na base das pestanas com um lapis especial. Esta linha será levada até o canto do olho, em direcção ás sobrancelhas, as quaes tambem deverão ter uma linha ascendente.

Rugas á volta dos olhos contribuem igualmente para a impressão de fadiga. Podem ser disfarçadas da seguinte maneira: applicar o pó de arroz, esfregar os dedos sobre as rugas, fazendo o pó penetrar nos sulcos (indesejaveis) da pelle. A escovinha removerá qualquer excesso.

E...

Olhe-se ao espelho e sorria, sorria, sorria!

E' factor de belleza a physionomia sorridente.

TACTICA FEMININA

No principio do seculo XIX viveu um pintor — Bidauld — do qual se podem conhecer nas paredes do castello das casas de Lafitte, grandes paineis decorativos. Essas telas, porém nada fariam pela gloria do autor, se segundo Jean Stern, não tivesse elle tido a fortuna de casar com uma creatura habilissima.

Mme. Bidauld era dona de ambição firme e uma vontade de ferro. Assim, convenceu o esposo de que deveria apresentar-se candidato ao Instituto, prohibindo-o, ao mesmo tempo, de fazer as visitas protocolares.

Dias antes da eleição, Bidauld deixou-se ficar de cama, fingindo-se moribundo. Mme. Bidauld procurou cada um dos membros da Academia para defender a candidatura do marido, "grande artista que ia desapparecer logo, sem ter dado a verdadeira medida de seu talento".

E ella sorria através das lagrimas. Sorriu tão gentilmente, que o marido foi eleito por unanimidade. Debalde os votantes esperaram pela "viuva". Bidauld curára-se radicalmente.

Jean Stern, elogia, commentando esse facto, o tacto diplomatico das mulheres.

PEQUENAS NOTAS

Os mouros consideram crime partir-se o pão com uma faca. Dizem que para isso Deus deu-nos as mãos.

* *

O sello mais raro até hoje conhecido, é o de 1 cent. da Guyana Ingleza, datado de 1865, do qual só se conhece um exemplar, não sendo possivel, dado o seu valor tamanho, taxar-lhe um preço.

* *

No roseiral de Sangerhausen, na Allemanha, cultivam-se 8.000 variedades de rosas. De não menor grandeza são os viveiros de cravos de Stutgart. Em Berlim existem cerca de 2.000 lojas de flores, cujo commercio é formidavel.

A ARTE DE SERVIR

Flôres frescas são, em primeiro logar, o adorno elegante para qualquer mesa e em cada especie de refeição.

A merenda que se apresenta para uma ou mais pessoas será saborosissima, por mais simples e despretenciosa, desde que venha bem apresentada.

Assim...

RAINHA DA ELEGANCIA

Mlle Germaine Laugier, que foi eleita, em Paris, a "rainha da elegancia", ostenta um modelo interessante de vestido.

NA MODA

O "Canotier" moderno leva a guarnição que se vê.

Rochelle Hudson, da Fox num vestido de "cloquê" branco.

Tailleur de tussor natural — Joan Crawford, da Metro.

Excursões — é esporte na moda tambem. Eis um traje de fustão indicado para isso. O modelo, elegantissimo, é de Maggy Rouf.

NA MODA

Para a estação: Vestido de romano, blusa com "Plissés"; vestido de crêpe estampado, e o ultimo, á direita, tambem de crêpe estampado — fundo escuro, — blusa de organdi branco.

Vestido estampado com flôres que, recortadas, enfeitam a barra e o "jabot".

Flôres guarnecem o decote desta blusa de taffetá preto.

CHAPÉOS NOVOS

De "faille" escura, a aba trabalhada com soutache.

Belleza e MEDICINA

Como eliminar as rugas verticaes da testa?

Pelo DR. PIRES

(Com pratica dos hospitaes de Berlim, Paris e Vienna)

As rugas verticaes da testa estão situadas em cima do nariz, entre os supercilios e são, no geral, em numero de duas. Ellas provêm da contracção de um pequeno musculo chamado pyramidal. Constituem um defeito devéras notavel pelo facto de darem ao rosto não só uma physionomia envelhecida, como tambem um aspecto de continua preoccupação. Principalmente as senhoras se aborrecem bastante desse defeito, se bem que seja hoje em dia perfeitamente curavel. As operações de esthetica não produzem resultado satisfactorio na eliminação das rugas verticaes da testa e, uma intervenção de tal natureza corrige sómente por alguns dias essa desgraciosidade pois, após algum tempo, novas contracções musculares effectuadas são o bastante para que as rugas reappareçam.

As injecções de parafina são nesse caso, como nos demais, completamente contra indicadas. Muitos rostos deformados e que constituem a infelicidade de muitas senhoras são provenientes das funestas injecções de parafina feitas criminosamente, em muitos aalões de pseudos institutos de belleza.

Sicard, de Paris, aconselha a applicação de alcool para paralysar o musculo pyramidal, cuja technica varia de accordo com cada caso particular. É, sem duvida alguma, o unico methodo aconselhavel e cujos resultados são sempre satisfactorios. O bello sexo encontra, portanto, nesse processo o unico meio até hoje conhecido para fazer despparecer totalmente as rugas verticaes da testa.

O tempo necessario para a eliminação completa dessas pequeninas rugas é bem curto e as applicações, praticamente, indolores.

Com o methodo preconizado por Sicard, de Paris, relativamente facil e sem reacção de especie alguma, nada mais pratico do que a correcção das rugas verticaes da testa, que dão ao rosto um aspecto de severidade bem accentuado e que nem sempre é a expressão da verdade.

UMA INFORMAÇAO GRATIS

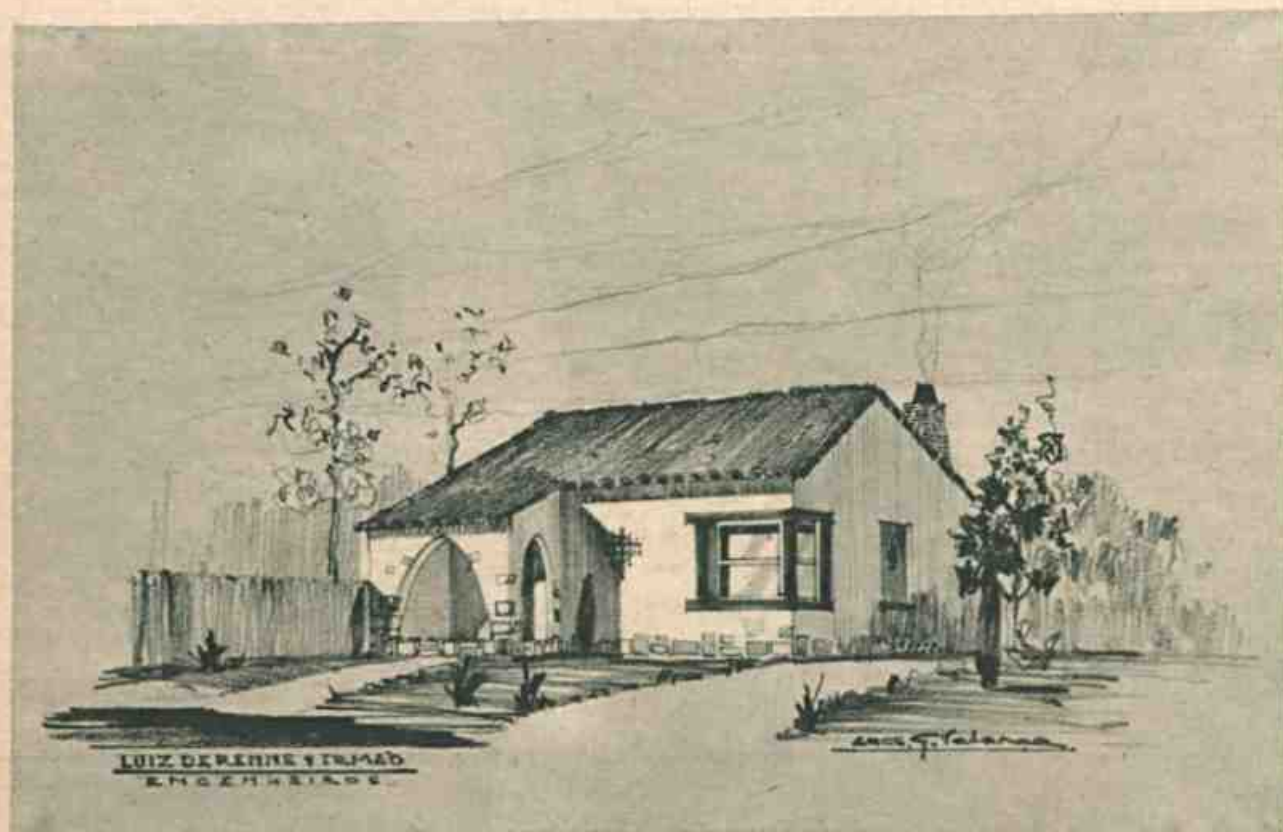
As nossas gentis leitoras podem solicitar qualquer informação sobre hygiene da pelle, couro cabelludo, cirurgia esthetica e demais questões de embellezamento ao medico especialista e redactor desta secção Dr. Pires. As perguntas devem ser feitas por escripto, acompanhadas do "coupon" annexo e dirigidas ao Dr. Pires — Redacção d'O MALHO — Travessa do Ouvidor n. 34 — Rio de Janeiro. Daremos, ainda, em cada numero, conselhos, suggestões e informações sobre assumptos de belleza, pois não é possivel fazermos diagnosticos nem formularmos tratamentos sem o exame pessoal do interessado.

BELLEZA E MEDICINA

Nome ....

Rua ....

Cidade ....

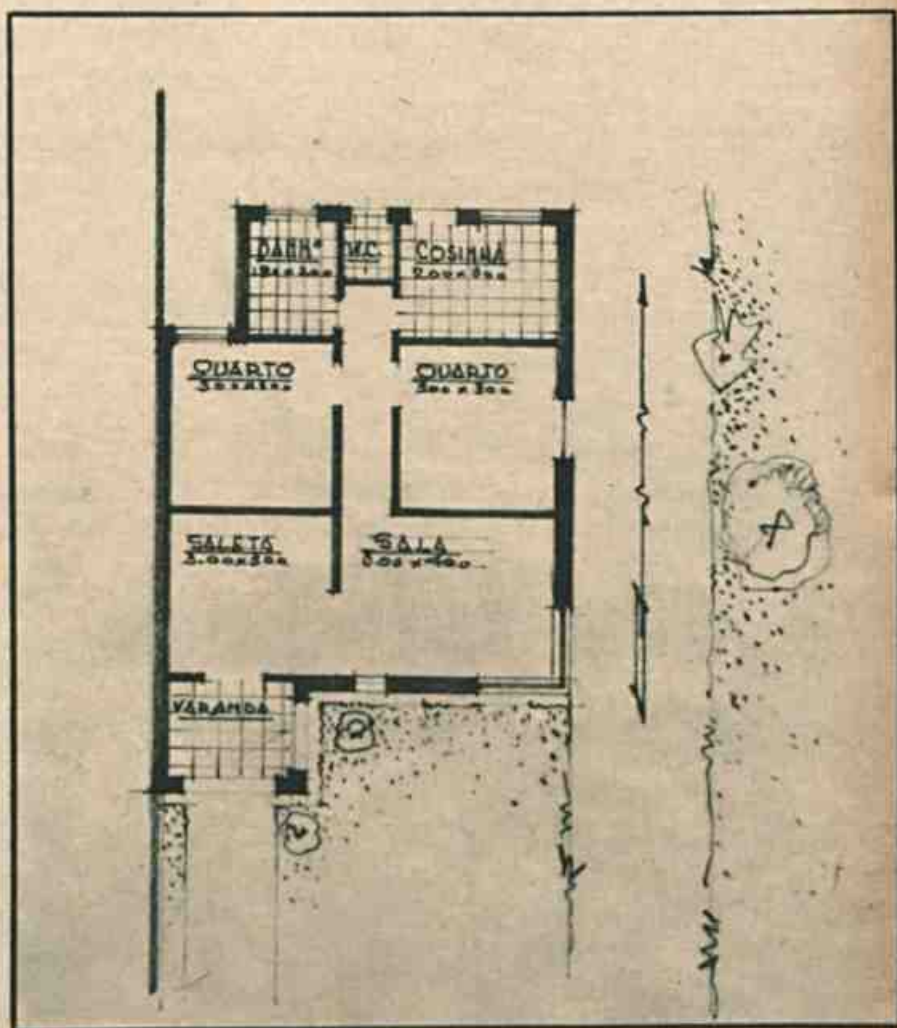
Estado ....

A NOSSA CASA

PUBLICAMOS no numero de hoje o projecto de construcção de um só pavimento, para terreno de 10 mts. de frente por 20 mts., no minimo, de fundos.

A planta apresenta uma varanda em communicação com a saleta ligada por arco asymetrico, proprio para decoração moderna, com a sala de jantar. Tem dois quartos, banheiro, cosinha e W. C.

A fachada, distinctamente movimentada, simples, porém graciosa em seu conjuncto, apresenta um telhado de duas aguas, com uma chaminé para tiragem do fogão e, si for revestida em rustico adequadamente escolhido, dará um aspecto muito agradavel ao predio.

Uma residencia igual a este projecto, executada com material de primeira qualidade, e boa mão de obra, poderá custar Rs.: 25:000$000.

O projecto que publicamos é de autoria do escriptorio technico de construcções de Luiz Derenne & Irmão, sito á rua São Pedro n.º 62-1.º andar.

CARNAVAL EM BRAGANÇA

Orchestra do "Bloco da Marinha", com sua interessante "mascotte", tambem de Bragança.

Foliões bragantinos do "Bloco do Amor".

"Bloco das Ciganas", chefiado pela sta. Hebe Centine (á esquerda), um dos elementos de successo do Carnaval em Bragança — M. Geraes

"O MALHO" EM XAPURY (Acre)

Bar "Ponto Chic", na longinqua cidade acreana de Xapury, a mais florescente do Territorio, no momento em que nosso incansavel representante sr. Raymundo Castello da Silva expunha á venda a nossa Revista. ...

O sr. Raymundo Castello, assignalado com uma cruz, está rodeado de freguezes, avidos pela leitura de nossas publicações, tendo a sua direita (de chapéo de palhinha) o sr. Manuel Joaquim Lopes Filho, proprietario dos seringaes "Santa Fé" e "S. João" e cognominado o Rei da Castanha do rio Acre.

JOGOS E PASSATEMPOS

PROVERBIO

SYLLABAS:

a — a — a — a — a — a — a — al — as — bor — ca — ca — ca — ça — cas — can — ci — ci — co — cros — da — dao — do — do — e — es — ga — hi — ia — la — les — lhar — lo — ma — ma — mas — mar — me mis — na — no — no — ni — o — o — o — o — ob — pa — pas — pol — que — ra — ra — ra — re — ri — ri — sal — so — so — so — so — so ta — ta — ta — tor — tu — u — vi.

SIGNIFICADOS — CHAVES

1 — Animal (3); 2 — O mesmo que gallinha da India (3); 3 — Genero de mamifero roedores da Europa e America do Norte (2); 4 — Dansarina indiana (3); 5 — Codêa (2); 6 — Negligente, descuidado (3); 7 — Proeminente (3); 8 — Valla para curtir couro (3); 9 — Extremidade arredondada (3); 10 — Cidade da Hespanha (4); 11 — Pessôa insipida — batrachio (plural), (2); 12 — Risonho (3); 13 — Filho de Jupiter e Latona (3); 14 — Rio do Sul do Brasil (3); 15 — Arvore ornamental dos generos de leguminosas (4); 16 — Galhofa (3); 17 — Fazer calar (3); 18 — Genero de animaes phosphorecentes (2); 19 — Cidade de Pernambuco (3); 20 — Musa da astronomia (4); 21 — Comer resmungando (2); 22 — Cidade da Abyssinia (3); 23 — Especie de palmeira (2); 24 — Viciado (4).

Formar com estas 70 syllabas, as 24 palavras correspondentes aos significados — chaves, as quaes, escriptas em ordem vertical, deixam lêr dois proverbios formados com as primeiras e quartas letras.

CONDIÇÕES PARA CONCORRER

Para tomar parte neste torneio, estipulamos as seguintes condições:

1) — escrever as soluções, em folha de papel que só servirá para esse fim;

2) — juntar o coupon nº 120, que vae abaixo;

3) — escrever legivelmente o nome ou endereço completo;

4) — remetter em enveloppe fechado ao endereço "Jogos e Passatempos" — Trav. do Ouvidor, 34 — Rio, até o dia 17 de Abril.

O resultado apparecerá na edição de O MALHO de 29 de Abril e serão conferidos 10 (dez) premios, optimos romances, aos concurrentes, mediante sorteio.

O problema acima foi composto pelo nosso collaborador Ottomar Lopes Cardoso, de Natal — R. G. do Norte.

COUPON Nº 120
PROVERBIO

CONTEMPLADOS NO SORTEIO DO PROBLEMA N.º 114 — PROVERBIOS

Districto Federal

CYBELE — Av. Wenceslau Braz, 28.

BAHIANA - Rua Mauá, 100.

MARILDA CARVALHO — Corrêa Dutra, 31.

Minas Geraes

J. LOBO DE BARROS — Pará de Minas.

JOSÉ DRUMOND — Rua 2 de Janeiro, 61 — Itaúna.

N. BARBOSA — Santa Luzia.

ANTONIO FIORI — Caixa Postal, 13 — Formiga.

Bahia

DARIO GALVÃO — Valença.

DECA — Rua Capistrano de Abreu, 3 — S. Salvador.

Rio de Janeiro

TOTOGA — Rua Pres. Domiciano, 221 — Nictheroy.

Ceará

JOSÉ CARLOS FERREIRA — Rosario, 175 — Fortaleza.

CORRESPONDENCIA

ANTONIA B. DA SILVA — Não foi recebida a photographia.

NEWTON G. GODOY — Porque não nos manda sua photographia e a de "Senhora ?".

SOLUÇÃO EXACTA DO PROVERBIO N.º 114

1º — Querido; 2º — Util; 3º — Ecarté; 4º — Maré; 5º — Opa; 6º — Fado; 7º — Eido; 8º — Ica; 9º — Obi; 10º — Afé; 11º — Malho; 12º — Afro; 13º — Baço; 14º Opifice; 15º — Neve; 16º — Itá; 17º — Tono; 18º — Oco; 19º — Liso; 20º — Heu; 21º — Enga; 22º — Patim; 23º — Aa; 24º — Rebo; 25º Engra; 26º — Carnaval; 27º Esto.

Proverbio: — (1.ª fila) — Quem o feio ama, bonito lhe parece

ZE' PINOIA

(Continuação da pag. 36)

Pôs tudo no chão. Disse, para os lados, que sempre gostára muito do "sinhoire" Panaio. Homem ás direitas... E olhando para Panaio que pela millionessima vez exhibia o bilhete.

— Pois pr'o que mais quizer, é pedir... Eu cá mando! E' pedir... Toda aquella noite correu entre anecdotas e por correu entre anecdotas e risos, casos parecidos... Outro que no anno tal, comprara um bilhete e por um numero... "Seu" Mané trazia mais cerveja. Tambem sandwiches...

◆ ◆ ◆

No dia seguinte, logo pela manhã, o senhor José Panaio, mettido na sua roupa domingueira, acompanhado por umas dezenas de amigos e parentes, marchou para a casa de loterias.

De longe já viram o enorme cartaz: 18654. Mil Contos! Vendido aqui! "Seu" Mané sem poder conter-se.

— Viva o "so" Panaio!

— Vivôôô!...

Transeuntes olharam espantados. Acompanharam a onda. Entraram. Todos se acotovelaram em volta de Panaio que exhibindo o bilhete, esmurrava o balcão para chamar o empregado.

Aquelle mocinho pernostico e magro, chupando o cigarro, chegou-se, pegou o bilhete, olhou-o, sorriu e perguntou.

— Que ha?

Que ha?!... Gritou Panaio. E' o gato, rapaz, veja bem! E' o gato! E o gatinho!...

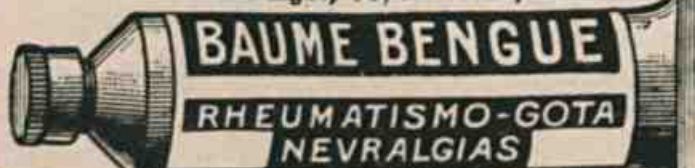
— E' o gatinho!!! ecoaram os outros "ad una voce".

— Que é o gato eu vejo — respondeu o rapaz, — mas...

— Mas o que, homem de Deus? Não é aqui que pagam? Berrou o "seu" Mané já furioso com tantas delongas.

— E'... é aqui que pagam, sim senhor...

— Então?!

— Então... então... é que o 18654 deu pela Federal e o seu bilhete é da Paulista...

ENXOVAL *do* BEBÊ

O mais gracioso e original enxoval para recem-nascido, executa-se com este Album. 40 PAGINAS COM 100 MOTIVOS ENCANTADORES para executar e ornamentar as diversas peças acompanhadas das mais claras explicações, suggestões e conselhos especialmente para as jovens mães. Em um grande supplemento encontram-se, além de lindissimo risco para colcha de berço e um de édredon. 12 MOLDES EM TAMANHO DE EXECUÇÃO para confeccionar roupinhas de creança desde recem-nascida até a edade de 5 annos.

"O ENXOVAL DO BÉBÉ"
É UMA PRECIOSIDADE.

A' venda nas livrarias - Pedidos á Redacção de **Arte de Bordar - Travessa do Ouvidor, 34**
Rio de Janeiro - - - Caixa Postal 880

PREÇO EM TODO O BRASIL

ALBUM *para* NOIVAS

Contendo a mais moderna e completa collecção de artisticos motivos para execução de primorosos enxovaes de noiva. Lindos modelos de lingerie fina, pyjamas, liseuses, peignoirs, kimonos, camisas de dormir, combinações, etc., e lindos desenhos para lençóes, toalhas de mesa, guarnições de chá, tapetes, cortinas, stores, tudo em tamanho de execução.

O album vem acompanhado de um duplo supplemento contendo um incomparavel desenho de

UMA COLCHA PARA CASAL

EM TAMANHO DE EXECUÇÃO E TODOS OS MOLDES AO NATURAL DE TODAS AS PEÇAS DE LINGERIE FINA

Pedidos á redacção de "Arte de Bordar" - Trav. do Ouvidor, 34-Rio

PREÇO EM TODO O BRASIL

PONTO DE CRUZ

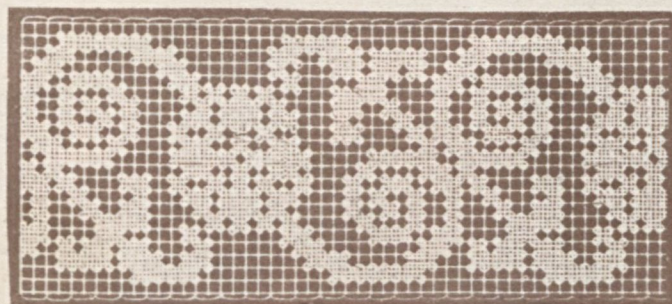
Um lindo album contendo 100 lindos motivos de

PONTO DE CRUZ

EDIÇÃO DE ARTE DE BORDAR

que apresenta um famoso encadeamento de motivos, de trabalhos, de sugestões a serem feitos com o simples e mais singelo dos pontos

O PONTO DE CRUZ

A' venda em todas as livrarias • Pedidos á redacção de ARTE DE BORDAR Trav. do Ouvidor, 34-Rio

FILET

UM LUXUOSO ALBUM EDITADO PELA BIBLIOTHECA DE "ARTE DE BORDAR"

O melhor presente para as senhoras, o mais bello thesouro de arte em "filet". ■ 150 motivos, em diversos estylos, que tambem poderão ser executados em "Crochet" e Ponto de Cruz. ■ A mais variada collecção de trabalhos de "filet" até hoje editada.

A' VENDA EM TODAS AS LIVRARIAS • Pedidos á redacção de ARTE DE BORDAR Trav. do Ouvidor, 34-Rio

Procure conhecer:

as bellezas naturaes e as instituições do seu paiz; os trabalhos inéditos dos seus maiores escriptores; os quadros mais celebres dos pintores brasileiros; os grandes acontecimentos e os grandes problemas do seu tempo, lendo a ILLUSTRAÇÃO BRASILEIRA,

O MALHO

Assignatura annual,

Semestral,

N.º avulso,

A MAIS LINDA REVISTA DO BRASIL